

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

***Sofrimento Mental e Satisfação no Trabalho: um estudo com professores das escolas inclusivas estaduais de ensino fundamental em Porto Velho, Rondônia.***

Brasília - 2008

**ELZA MARIA DE FREITAS JACARANDÁ**

***Sofrimento Mental e Satisfação no Trabalho: um estudo dos professores das escolas inclusivas estaduais de ensino fundamental em Porto Velho, Rondônia.***

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Ciências da Saúde.**

**Orientador: Professor Doutor Carlos Alberto Bezerra Tomaz.**

**Co-orientador: Professor Doutor Carlos Alberto Paraguassu Chaves.**

**Brasília – 2008**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, arquiteto Divino que nos conduz a evolução.

Ao meu Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Bezerra Tomaz por aceitar ser meu orientador mesmo com a distância intelectual entre nós.

Ao Dr. Professor Carlos Alberto Paraguassu Chaves, co-orientador, que com sua infinita paciência e dedicação colocou-se a disposição para realização deste trabalho.

Ao meu pai pela minha iniciação na trajetória do letramento

A minha mãe pela dedicação amor e incentivo.

Ao meu esposo Carlos Alberto Jacarandá pelo amor e apoio incondicional aos meus sonhos e projetos de vida.

Ao Rodolfo Jacarandá pelo o amor e espelho a seguir.

A Carine pelo incentivo e amor

A Carla pelo amor e segurança.

Ao Tiago pela companhia e amor.

As amigas, Luzinete, Evarista, Suzy, Inácia e Benilce pelo incentivo carinhoso.

Aos amigos, Sérgio, Alejandro e Malu pelo apóio nas correções.

A Liz Morena e Alice pela renovação da esperança.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Sínteses dos artigos disponíveis sobre trabalho e saúde docente (2001-2005)	32
Tabela 2. Teses, dissertações e monografias disponíveis sobre trabalho e saúde dos docentes (2002-2006)	33
Tabela 3. Escolas pesquisadas e nº. de professores atuantes na escola inclusiva	44
Tabela 4. Freqüência (%) das concepções dos professores quanto a sua atuação na escola inclusiva - Porto velho/ RO, 2008	56
Tabela 5. Freqüência relativa ao fator 1 - fator 1-diminuição de energia.do do SQR 20	57
Tabela 6. Freqüência relativa ao fator sintoma somático e fator 3 humor depressivo do SQR- 20	58
Tabela 7. Freqüência relativa ao fator 4 - Pensamento depressivo e outros sintomas do SQR-20	58
Tabela 8. Freqüência de respostas afirmativas sobre satisfação e insatisfação no trabalho	59
Tabela 9. Freqüência por escola das variáveis de satisfação no trabalho	59
Tabela 10. Freqüência de professores com sofrimento mental e sem sofrimento mental	60
Tabela 11. Média ponderada de satisfação no trabalho e sofrimento mental	61
Tabela 12. Demonstrativo da realização de correlação satisfação no trabalho e sofrimento mental	63
Tabela 13. Média ponderada de satisfação no trabalho e sofrimento mental	65
Tabela 14. Quadro demonstrativo da realização de correlação da satisfação no trabalho e sofrimento mental dos professores pesquisados	66
Tabela 15. Demonstração das correlações das concepções dos professores sobre a inclusão dos NEE com satisfação no trabalho e sofrimento mental	72

## RESUMO

O estudo sobre o sofrimento mental e a satisfação no trabalho foi realizado com 132 professores das escolas inclusivas estaduais do ensino fundamental de Porto Velho-RO. Teve por objetivo verificar o nível de sofrimento mental e sua possível correlação com a satisfação no trabalho através de estudo de corte transversal. Para sua concretização, foram utilizados três instrumentos: o questionário sócio-demográfico; o questionário Self-Report-questionnaire (SQR-20), e a Escala de satisfação no trabalho do OSI-Occupational Stress Indicator, mensurada por meio de escala de Likert. Os resultados apresentaram 45,5% de prevalência de distúrbios psíquicos menores, considerados como indicadores de evidências de sofrimento mental dos professores. A satisfação no trabalho teve índices similares aos encontrados na literatura, prestando a maior proporção nas variáveis intermediárias, ou seja, as suas maiores freqüências estão no intervalo de alguma satisfação, com 26,5% e 24,6% com alguma insatisfação, sendo que os maiores índices de insatisfações estão nas variáveis de realização das aspirações e salário proporcionados pelo trabalho. A correlação de satisfação no trabalho e sofrimento mental foi encontrada estatisticamente utilizando-se do coeficiente de correlação linear de Pearson, sendo este -0,3265, o coeficiente de correlação negativo significa que a satisfação no trabalho e sofrimento mental são inversamente proporcionais. Pois, quanto mais a satisfação aumenta conseqüentemente diminui o nível de sofrimento mental.

Palavras-chave: professores, escolas inclusivas, sofrimento mental, satisfação no trabalho.

## ABSTRACT

The study of mental suffering and the satisfaction at work achieved with 132 teachers of elementary inclusive schools of the state in Porto Velho – RO, it had like an objective verify the level of mental suffering and its association with the satisfaction at work through the study of transversal cut with the teachers, to achieve this study was used three instruments, the social demographic questionnaire elaborated with the aim of showing the social demographic profile of teachers, the questionnaire, “self report questionnaire” (SQR-20) to identify mental suffering through the identification of low psycho failures and the scales of satisfaction in the work of OSI – Occupational Stress Indicator, with 22 questions about satisfaction at work, measured by Liker Scale. The results pointed out 45,5% in prevalence of low psycho failures considered like indicators of evidence of teachers mental suffering. The satisfaction at work had index similar to the ones found in the literature. The satisfaction at work was associated to mental suffering, proportionally inverted; the more is the satisfaction at work increase consequently decreasing the level of mental suffering.

Key words: teachers, inclusive schools, mental suffering, satisfaction at work.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>18</b>
2.1 <i>Objetivo Geral .....</i>	18
2.2 <i>Objetivos Específicos.....</i>	18
<b>3 REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>19</b>
3.1 <i>Caracterização teórica da problemática da pesquisa .....</i>	19
3.2 <i>Da relação saúde e trabalho.....</i>	20
3.3 <i>Da relação saúde mental e trabalho .....</i>	23
3.4 <i>Do professor na Escola Inclusiva.....</i>	25
3.5 <i>A saúde mental no trabalho docente .....</i>	29
3.6. <i>Da satisfação no trabalho .....</i>	34
3.6.1 <i>Da satisfação e sofrimento no trabalho docente .....</i>	37
<b>4 MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>43</b>
4.1 <i>Tipo de estudo .....</i>	43
4.2 <i>Instrumentos e procedimentos.....</i>	43
4.2.1 <i>Procedimentos da coleta de dados .....</i>	43
4.2.2 <i>Instrumentos de coleta de dados .....</i>	45
4.2.3 <i>Justificativa para escolha dos instrumentos.....</i>	46
4.2.4 <i>Número de amostragem.....</i>	48
4.2.5 <i>Critério de inclusão e exclusão.....</i>	48
4.2.6 <i>Aspectos éticos .....</i>	48
4.3 <i>Análise dos dados.....</i>	48
4.3.1 <i>Divisão do questionário sócio-demográfico.....</i>	48
4.3.2 <i>Sofrimento Mental .....</i>	50
4.3.3 <i>Da satisfação no trabalho.....</i>	51
<b>5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....</b>	<b>54</b>

5.1 Apresentação dos resultados do questionário sócio-demográfico.....	54
5.1.1 Das variáveis sócio-demográficas.....	54
5.1.2 Da capacitação dos professores. ....	55
5.1.3 Das concepções dos professores sobre a escola inclusiva .....	55
5.2 Do sofrimento mental.....	57
5.3 As concepções dos professores das escolas inclusivas e suas possíveis correlações com a satisfação no trabalho e sofrimento mental. ....	63
5.4 Correlação entre grau de satisfação no trabalho e sofrimento mental .....	65
<b>6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>68</b>
6.1 Do questionário sócio-demográfico.....	68
6.1.1 Das concepções dos professores sobre o processo de inclusão escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais. ....	71
6.1.2 Do sofrimento mental .....	75
6.1.3 Da satisfação no trabalho.....	76
<b>7. CONCLUSÕES .....</b>	<b>83</b>
<b>8. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>93</b>
ANEXO A.....	93
ANEXO B.....	96
ANEXO C.....	98
ANEXO D.....	100
ANEXO E.....	102

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetivou verificar o nível de sofrimento mental e a sua possível correlação com a satisfação no trabalho dos professores das escolas inclusivas da rede estadual de ensino fundamental de Porto Velho - RO. São chamadas de inclusivas as escolas regulares de ensino que atendem alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) em turmas de ensino regular, ou seja, junto com alunos 'ditos normais'.

Dos muitos desafios enfrentados pelos profissionais da educação no Brasil, alguns se encontram distantes da situação vivida de dez a quinze anos atrás. O principal índice a demonstrar mudanças na condução das políticas educacionais do país revela - pelos dados colhidos pelo Ministério da Educação, através do Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (Brasil-MEC-INEP)<sup>1</sup>, que cerca de 100% das crianças na faixa etária de 7 a 14 anos de idade freqüentam a escola regularmente.

Conhecido por seu gigantesco território e contradições sociais, vinculados aos déficits históricos de controle populacional e distribuição de rendas, o país, apesar da reorientação das políticas públicas educacionais dos últimos anos, não conseguiu, ainda, colocar em prática um sistema eficiente e capaz de garantir a qualidade do ensino em todos os segmentos que o constitui Morin<sup>2</sup>.

Um dos eixos que melhor representa esse quadro é o que diz respeito à educação dos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) inclusos no sistema regular de ensino, situação essa regulamentada pela Constituição de 1988<sup>3</sup>.

Na tentativa de implantar as escolas inclusivas, políticas nacionais de educação vêm sendo normatizadas, com isto sobrecarregando os professores e cobrando um atendimento de qualidade para todos, sem, contudo, prepará-los suficientemente para esta atuação. Tal prática faz supor que estes profissionais estão sujeitos ao sofrimento mental desencadeado pelos conflitos por que passam no trabalho que lhes é imposto.



Em 2003, foi elaborado pela Agência Européia<sup>4</sup> um relatório para avaliação do processo escolar inclusivo dos alunos com necessidades educativas especiais em toda Europa, chamado de Educação Inclusiva e Prática de Sala de Aula. A primeira conclusão retirada dos estudos de caso e discussões dos especialistas apresentados no relatório foi de que realmente existem salas de aulas inclusivas nos países europeus. O segundo resultado apontou que os problemas do comportamento, sociais e/ou emocionais, representam o maior desafio à inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE)<sup>5</sup>. Em terceiro lugar, o relatório apresenta - como um dos maiores problemas encontrados na inclusão escolar - a gestão das diferenças ou da diversidade na sala de aula inclusiva.

Com base nos estudos de casos selecionados e nos relatórios apresentados pelos diferentes países europeus que compuseram este relatório, as condições nele identificadas parecem desempenhar um papel central nas práticas inclusivas.

Na página 4, o relatório afirma que a inclusão depende das atitudes dos professores em face aos alunos com necessidades especiais, da sua capacidade para melhorar as relações sociais, nas suas formas de conceber as diferenças na sala de aula e da sua capacidade para gerir eficazmente essas diferenças.

Schloss<sup>6</sup> destaca o repensar do papel dos professores, que precisam adquirir novas habilidades para trabalhar com alunos acadêmicos e socialmente deficientes. O estudo de Schloss possui como base os países em que a escola inclusiva se encontra, de fato, estruturada, como aponta o relatório europeu.

Segundo Sotolongo *et al.* apud Salvi<sup>7</sup>, os conflitos psicológicos e a inadequação do homem ao trabalho são capazes de gerar estados de ânimos negativos, desequilíbrios emocionais e outros mal-estares que afetam não só a saúde mental, mas também a orgânica.

Vários são os estudos realizados que apontam o adoecimento mental dos professores, quando as condições de trabalho não atendem as necessidades para realização do trabalho.

Trata-se de uma constatação, a de que o processo de inclusão dos alunos com NEE no sistema regular de ensino exige dos professores não apenas competência de nível cognitivo, mas também afetivo, já que esta clientela requer, além das habilidades de ensinar, também o ato de 'cuidar' devido às peculiaridades de suas deficiências. Embora, eles estabeleçam metas a ser alcançadas, estas estão além de suas possibilidades ou competência em fazê-lo.

Caso o indivíduo não tenha como canalizar esta energia para outros objetivos, o surgimento dos conflitos internos é inevitável, podendo instaurar-se assim o sofrimento psíquico. Como propõe Codo <sup>8</sup>, a não-realização das metas estabelecidas pode constituir motivo de conflito psicológico e adoecimento. Comumente as metas colocadas pelos professores referem-se ao rendimento escolar dos seus alunos, o que nem sempre acontece, principalmente em se tratando de alunos com NEE. Assim, havendo a frustração e o insucesso em relação às metas não atingidas, justamente com uma clientela que necessita ainda mais de seu apoio, este profissional acaba por adoecer psicologicamente.

A satisfação no trabalho do professor da sala inclusiva é o outro aspecto verificado nessa pesquisa, uma vez considerada fator de importância na saúde mental dos trabalhadores.

Martinez <sup>9</sup> descreve que a satisfação no trabalho tem sido colocada pelos teóricos como processo influenciador na saúde do trabalhador, destacando pesquisadores como Henne & Locke <sup>10</sup>, que identificam a insatisfação no trabalho como um estado psicológico desagradável, desencadeador de conflitos significantes para o indivíduo por exercer um trabalho que preferiria evitar, podendo esse estado emocional levá-lo a ter problemas de saúde.

As pesquisas sobre a associação da satisfação no trabalho com a saúde mental do trabalhador são escassas, porém, ainda que poucas, já são reconhecidas no Brasil e em outros países.

Rebouças, Legay & Abelha<sup>11</sup> investigaram a satisfação e o impacto do trabalho em 321 profissionais de serviços de saúde mental do Rio de Janeiro em 2005. Os resultados apontaram que 61,8% apresentam nível intermediário

de satisfação. O estudo encampado por Rebouças e colaboradores demonstra que a maioria das características associadas aos menores níveis de satisfação no emprego esteve associada aos mais elevados níveis de impacto no trabalho e adoecimento.

Procurando melhor compreensão do processo de saúde mental e a sua relação com a satisfação no trabalho, foi proposta a realização deste estudo com 132 professores atuantes nas escolas inclusivas de Porto Velho-RO. Foram utilizados questionários de identificação sócio-demográfica, questionário de investigação da saúde mental e questionário de investigação da satisfação no trabalho para verificação do sofrimento mental destes profissionais e sua possível correlação com a satisfação no trabalho que exercem.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Verificar o nível de sofrimento mental e sua possível correlação com a satisfação no trabalho dos professores das escolas inclusivas Estaduais de Ensino Fundamental de Porto Velho, Rondônia.

### **2.2 Objetivos Específicos**

Constituíram-se os objetivos específicos desta pesquisa:

Realizar levantamento do perfil sócio-demográfico dos professores que atuam nas escolas inclusivas em Porto Velho - RO.

Correlacionar à satisfação no trabalho e o sofrimento mental desses profissionais.

### 3 REVISÃO DA LITERATURA

#### 3.1 Caracterização teórica da problemática da pesquisa

O eixo central deste estudo é a saúde mental e a satisfação no trabalho dos professores das escolas inclusivas, salientando que estas instituições atendem alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) nas turmas regulares de ensino.

Desde a Constituição de 1988<sup>3</sup>, a preferência pela escola inclusiva regular manifesta o desejo político e reflete a satisfação de uma sociedade moral bastante adiantada. Contudo, há de se pensar no professor como parte integrante dessa sociedade e também sujeito representativo dessa evolução. É preciso considerar as condições de possibilidade desta inclusão em que o professor é o principal responsável pelo sucesso ou fracasso deste processo, devendo, assim, ser adequadamente preparado para exercer com competência mais este papel educacional.

Para Macedo<sup>12</sup>, a Educação Inclusiva, propõe-se uma forma de articulação diferente daquela à qual estamos acostumados na escola, enquanto que para Mantoan<sup>13</sup> as escolas de qualidade são necessariamente abertas às diferenças.

Os modelos colocados para funcionamento da escola inclusiva, exigem a construção de um novo modelo no processo educacional o qual está diretamente ligado à função do professor, estando ou não preparado para esta atuação.

Conforme Dejours<sup>14</sup>, o trabalho torna-se perigoso para a saúde quando o trabalhador não encontra o prazer nas tarefas a ele atribuídas, principalmente se não dispuser de outros mecanismos de descarga da energia psíquica imposta pelas atividades laborais, sobrevivendo o sofrimento psíquico que poderá submetê-lo ao risco de adoecer.

Para Oliveira,<sup>15</sup> o sofrimento se manifesta pela insatisfação em relação ao conteúdo significativo da tarefa e a satisfação frente ao seu conteúdo significativo do trabalho. Entende-se nesta abordagem, que o não domínio do conteúdo provoca a insatisfação enquanto que o domínio do conteúdo conduz

à satisfação, que para Oliveira está relacionado à exigência da tarefa, em virtude de sua importância no desencadeamento da relação saúde-trabalho.

A satisfação com o trabalho na teoria dejouriana está relacionada à organização do trabalho, e como coloca Oliveira <sup>15</sup>, está esta ligada ao conteúdo da tarefa. Considera-se que as abordagens de satisfação e insatisfação no trabalho estão correlacionadas com a saúde mental do trabalhador.

No sentido colocado pelos teóricos já apresentados, parece que o professor da escola inclusiva está propenso ao adoecimento. Principalmente quando insatisfeito com seu trabalho e não encontra na organização do trabalho apoio para sua atuação.

### **3.2 Da relação saúde e trabalho**

Para estabelecer a relação da saúde com o trabalho é necessário conceituar o estado de saúde que, segundo Paraguassu-Chaves<sup>16</sup>, a Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu como sendo “o completo estado de bem-estar físico, mental e social”.

No conceito estabelecido pela OMS entende-se a saúde como a interação entre as áreas físicas, mentais e sociais. Dando sentido estrito a esta pesquisa, optou-se por dar ênfase aos aspectos psicossociais, em que são vistos sob o olhar integrador da saúde do trabalhador.

Dejours<sup>14</sup> coloca que bem-estar, em matéria de carga psíquica, não advém só da ausência de seu funcionamento, mas, pelo contrário, de um livre funcionamento, articulado dialeticamente com o conteúdo da tarefa, expresso, por sua vez, na própria tarefa e revigorado por ela. Em termos econômicos, o prazer do trabalhador resulta da descarga de energia psíquica que a tarefa autoriza, corresponde a uma diminuição da carga psíquica do trabalho

Para Dejours<sup>14</sup>, o bem-estar do indivíduo depende de um livre funcionamento e articulação no trabalho, fazendo supor que o sujeito deve estar harmonizado com as atividades realizadas para conseguir o prazer que propicia a diminuição da carga psíquica despendidas nelas.

Para compreensão desta relação torna-se necessário conceituar, também, o trabalho. Encontrou-se vários conceitos referentes ao trabalho, optando-se pelo de Codo<sup>8</sup> que considera o trabalho uma atividade humana por excelência, entendida como o modelo pelo qual transmitimos significado à natureza, à identidade, sendo o trabalho um dos elementos essenciais na construção da identidade.

Souto<sup>17</sup> faz uma trajetória histórica da saúde do trabalhador. Ele dá início a essa reconstrução em 1776, a partir de Adam Smith que, ao escrever o livro “O inquérito sobre a natureza e causa da riqueza das nações”, destaca, no campo da economia, a influência da saúde dos trabalhadores sobre a produção, fazendo menções específicas sobre a obra de Ramazzini (1700) de interesse médico-social. Foi o primeiro tratado sistemático sobre as doenças profissionais, trazendo avaliações sobre as representações epidemiológicas, estendendo-se pelo campo da profilaxia. Por isso foi considerado o Pai da Medicina do trabalho.

A preocupação com a saúde dos trabalhadores aconteceu em um contexto econômico e político como o da guerra e pós-guerra, o custo, provocado pelas perdas de vidas por acidentes no trabalho ou doenças do trabalho, começou tanto pelos empregadores - ávidos de mão-de-obra produtiva, quanto pelas companhias de seguro às voltas com o pagamento de pesadas indenizações por incapacidade provocada pelo trabalho. Nesta realidade, desvela-se relativa impotência da medicina do trabalho para intervir sobre os problemas de saúde causados pelo processo da produção<sup>18</sup>.

A medicina do trabalho, como uma ramificação da área médica, surge na Inglaterra na primeira metade do século XIX, resultante das transformações por ocasião da Revolução Industrial. O aumento de mão-de-obra exigido pelo consumo coloca os trabalhadores em condições precárias, tais como: aglomerações e falta de higiene nas fábricas, tornando-os mais propícios ao adoecimento e exigindo deles soluções imediatas, sob pena de inviabilizar o próprio processo de trabalho, o que, assim, fez surgir, o serviço de medicina do trabalho<sup>18</sup>.

Na visão da medicina do trabalho, o trabalhador passou a enquadrar-se no mesmo espaço na ordem do macro, o Estado, e na ordem do micro, da

organização do trabalho, o que, para Mendes apud Vasquez-Menezes<sup>19</sup>, foi o eixo de mudança social determinante na perda da possibilidade de uma análise mais ampla, em detrimento de aspectos mais diretamente observáveis, como contaminação por substâncias tóxicas, ambientes insalubres e esforço físico exagerado. Estabelecendo a relação entre condições de trabalho e adoecimento.

Na medicina social, a patologia do trabalho analisava as questões relativas às doenças dos trabalhadores a partir de determinantes sociais, de ordem macro e estrutural, como economia-produção, e de ordem micro, como organização e processo do trabalho. Migrada a saúde do trabalhador para a área da higiene com o desdobramento para uma medicina legal da saúde pública, volta-se seu enfoque para prevenção e pesquisas das causas dos problemas pela identificação de agentes etiológicos relacionados aos acidentes de trabalho<sup>19</sup>.

A evolução da medicina do trabalho para saúde ocupacional, segundo Mendes & Dias<sup>18</sup>, surge com o traço multi e interdisciplinar, com organização de equipes multi-profissionais com ênfase na higiene industrial, passando a ser considerada como ramo da saúde ambiental. A saúde ocupacional no modelo ambiental desenvolveu-se nos Estados Unidos, acompanhada de uma desqualificação do enfoque médico e epidemiológico na relação saúde e trabalho, mostrando-se insuficiente para atendimento das exigências do movimento que surge nos países industrializados do mundo ocidental.

Os questionamentos sobre o sentido da vida, o valor da liberdade, o significado do trabalho na vida, o uso do corpo e a denúncia do absolutismo de valores já sem significado para a nova geração, levam, em alguns países, à exigência da participação dos trabalhadores em decisões sobre questões relacionadas à saúde e à segurança. Eles, mais que quaisquer outros, conheciam as situações concretas do seu cotidiano, expressas em sofrimento, doença e morte<sup>18</sup>.

O resultado dessa discussão sobre a insuficiência da saúde ocupacional com ênfase na ambiental, provocada pelos estudiosos do assunto e trabalhadores que colocam como problema da saúde no trabalho, a exclusão do trabalhador, atenua os problemas encontrados conduzindo ao surgimento



da a saúde do trabalhador como um processo de amplitude é, ainda, um campo em construção na saúde pública, tendo como objetivo atrelar saúde e doença, especificamente como manifestação de grupos humanos<sup>18</sup>.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada em 1948, estabelece que todos têm direito a um padrão de vida adequado à saúde e ao bem-estar de si próprio e de sua família, incluindo alimentação, vestimenta, alojamento, cuidados médicos e os necessários serviços sociais. Passa a colocar a saúde humana como conceito determinado pela Organização Mundial de Saúde, como um direito humano<sup>17</sup>.

A Declaração dos Direitos Humanos surge como o grande marco dos tempos, no século XX, em relação aos benefícios para a humanidade. O homem adquire o direito a um trabalho digno em ambiente salubre e seguro, conquistando, em tese, a tão sonhada dignidade.

A saúde do trabalhador no Brasil começou a ganhar força no século XX, passando a ser mais observada no final da década de 1960<sup>17</sup>; por esse motivo, profundas mudanças ocorreram nesta área na década de 70. Os processos de trabalho influenciados pelas discussões e críticas dos modelos de saúde no mundo ocidental fizeram surgir um modelo de saúde do trabalhador já em funcionamento em alguns países. Saliente-se, ainda, que, no Brasil, uma saúde voltada para o trabalhador só pôde ser denotada no contexto dos anos 80, momento cuja transição democrática entra em sintonia com o que já ocorria no resto do mundo ocidental.

### **3.3 Da relação saúde mental e trabalho**

Para Yoshida & Giglio<sup>20</sup> a saúde mental é um componente essencial à vida do indivíduo e pode ser descrita como um estado interno de bem-estar que ele sente em sua interação com o meio social, quando está satisfazendo de forma criativa e construtiva suas necessidades, desenvolvendo-se e contribuindo para o bem estar dos outros. Destacam-se, nessa análise, as contribuições de Freud (1856-1939)<sup>21</sup>, que desenvolveu uma original e profunda concepção etiológica dos distúrbios mentais baseada no dinamismo

psíquico, e não na doença orgânica, ampliando assim a visão sobre o distúrbio mental e as muitas dificuldades humanas que não eram compreendidas.

Vieira, Guimarães & Martins<sup>22</sup> escrevem que a relação entre estresse ocupacional e saúde mental dos trabalhadores, que vem sendo pesquisada nos últimos anos, destacando as inúmeras pesquisas, no Brasil e fora dele, realizadas em virtude dos índices alarmantes de incapacidade temporária do trabalho, absenteísmo, aposentadoria precoce e risco a saúde decorrente do trabalho.

As transformações ocorridas no mundo do trabalho, as exigências tecnológicas e de habilidades múltiplas, a rapidez com que o conhecimento é construído e desconstruído provoca no homem instabilidade financeira que resulta em vários tipos de distúrbios psíquicos.

Silva apud Vieira, Guimarães & Martins<sup>22</sup>, coloca algumas condições específicas de trabalho e de vida que têm vinculação com a saúde mental dos trabalhadores: condições vinculada aos aspectos físicos e químicos do trabalho, ao risco de acidentes e doenças, condições derivadas das características da organização do trabalho como o ritmo intensivo do trabalho, as jornadas extensas de trabalho, o isolamento a que são submetidos alguns trabalhadores, as proibições, as formas de controle e a vigilância desenvolvida na organização e na hierarquia.

Alguns autores consideraram as pesquisas sobre saúde mental e trabalho como uma área nova. No entanto, Freud<sup>21</sup> escreveu um artigo alertando para o fato de que “pacientes desempregados apresentam sérios problemas, agrupados em três classificações: personalidades paranóicas, personalidades inadequadas e instabilidade emocional”<sup>8</sup>.

Codo<sup>8</sup> encontra respaldo, na teoria de Freud, sobre o espaço que a saúde mental, já ocupava, em 1917, na saúde do trabalhador; melhor dizendo, o que ela desencadeava pela realização, ou não, do trabalho. Em sua teoria, Freud já apontava que o desemprego constituía uma ameaça à saúde do trabalhador.

À saúde mental, na saúde do trabalhador, é reservado um lugar de destaque não apenas para o estudo da medicina e da psicologia, mas também, abre espaço para as pesquisas. Mari<sup>23</sup> aponta que, no Brasil, há uma

prevalência de transtornos mentais de aproximadamente 30%, isto na população adulta.

As pesquisas realizadas sobre a saúde mental dos trabalhadores no Brasil acompanham as realizadas em outros países e nelas se baseiam na tentativa de minimizar os conflitos que têm enfrentado os trabalhadores diante dos fenômenos econômicos ocasionados pelas profundas mudanças no campo do trabalho.

Para Vieira, Guimarães & Martins<sup>22</sup>, o estudo da inter-relação entre trabalho e saúde/doença caminha para a análise da organização no trabalho especificamente sobre transtornos mentais, havendo nesta interface a influência do ambiente, dos objetivos ou metas a serem alcançadas, da organização e do grupo de trabalho, envolvendo a inter-relação grupal.

Para Dejours<sup>24</sup> apud Oliveira<sup>25</sup> quanto mais a organização do trabalho é rígida, mais a divisão do trabalho é acentuada, menor é o conteúdo significativo do trabalho e menores são as possibilidades de mudá-lo. Correlativamente, o sofrimento aumenta.

Vária pesquisa com enfoque na saúde mental e trabalho ocupa considerável espaço nos estudos relacionados ao sofrimento mental dos trabalhadores, porém, tratando-se dos professores atuantes nas escolas inclusivas estão apenas no iniciando já que a escola inclusiva é uma nova modalidade de educação.

### **3.4 Do professor na Escola Inclusiva**

Os professores também estão inseridos no campo do trabalho, lidando freqüentemente com grupos afetados pelas dificuldades socioeconômicas e sendo vítimas delas, estão, portanto, sujeitos aos conflitos similares aos dos demais trabalhadores, embora sua atividade docente tenha peculiaridades diferenciadas.

Sanches<sup>26</sup> realizou pesquisa com os professores de educação especial com 2850 professores atuantes nas escolas chamadas inclusivas, em Lisboa e Porto em Portugal na tentativa de compreender o sistema de formação teórica

e prática desses professores. O autor destaca que é sabido que o alargamento de atuação dos professores que atendem os alunos com NEE, bem como a especificidade da sua atuação, exige destes professores uma maior exigência pedagógica e especialização na área de atuação.

Para Sanches<sup>26</sup>, a mudança de Educação Especial para Necessidades Educativas Especiais (NEE) foi adotada internacionalmente na perspectiva de atendimento e intervenção psicopedagógica realizada na escola em substituição ao modelo médico que era prioridade para atendimento dos portadores de deficiência na Educação Especial.

Nesse contexto, a modalidade de educação especial é substituída gradativamente para as escolas inclusivas no Brasil. Em Portugal com já foi dito, as escolas inclusivas já existem de fato.

A relação humana mediada pelo professor deve ser permeada por afetos, porém, exige-se a competências profissionais que devem garantir o sucesso dos aprendizes.

Segundo Fernández<sup>27</sup>, para que a aprendizagem se constitua é necessária que, entre um “ensinante” e um “aprendente”, seja estabelecida uma relação que autorize esta aprendizagem. Percebe-se, aqui, a responsabilidade destes profissionais chamados professores.

A exigência da legislação atual sobrecarrega os professores, principalmente os que atendem os alunos com NEE juntamente com os ‘ditos normais’. É possível depreender que a quantidade e diversidade de tarefas teóricas e práticas determinadas pela própria resolução n. 02 do Conselho Nacional de Educação (CNE)<sup>28, 29</sup>, em seu art. 8º, alínea III. Que preconiza a importância da flexibilização e adaptações do currículo em virtude do significado prático e instrumental dos conteúdos básicos, metodologia de ensino e recursos didáticos diferenciados e processo de avaliação compatível com o desenvolvimento dos alunos, em consonância com o projeto pedagógico da escola. Coloca no professor a responsabilidade pelo conteúdo da tarefa e organização do trabalho no sentido colocado por Dejour.

A proposta de ensino de qualidade para todos transforma o professor em eixo sustentador desse processo, que se obriga a administrar os conflitos advindos dessas exigências de tratamento especial por parte dos

gerenciadores da política de inclusão. Ferreira & Guimarães<sup>30</sup> enfatizam que, para suprir a demanda de qualidade da educação para todos, os professores têm um árduo trabalho na função de atender com qualidade a diversidade que hoje compõe o espaço da escola.

O professor atende não apenas déficit de cognição, mas também lhes são exigidas metodologias diversificadas e específicas de ensino, a flexibilização curricular de que cada clientela necessita para construção da sua aprendizagem. Reportando-se aos alunos com necessidades educacionais especiais, as cobranças tornam-se maiores, exigindo competências e habilidades específicas no trato das diferenças.

As propostas do ensino de qualidade para todos os alunos precisam ser explicitadas, a partir de um verdadeiro repensar no que se refere aos conceitos. Deverão ser reconstruídos os fundamentos e a estrutura organizacional das escolas na direção de uma educação de qualidade para todos, o que remete, igualmente, a questões específicas relacionadas ao conhecimento do objeto ensinado e ao sujeito que aprende<sup>13</sup>.

Tamanha exigência expõe o professor a um jogo de tramas de 'interação e cuidados', podendo levá-lo ao sofrimento mental, caso ele não tenha o suporte teórico e prático para trabalhar com esta diversidade.

Codo<sup>8</sup> apud Codo<sup>31</sup> aponta que cuidar exige atenção e dedicação, pontuadas de responsabilidades e doações. O professor da escola inclusiva deve responsabilizar-se por estas funções, além de educar, deve cuidar. Há um aumento da carga psíquica em seu trabalho, principalmente quando ele não recebe da gestão escolar (organização do trabalho) o apoio necessário para o desempenho de suas funções.

A preocupação com a saúde mental dos professores já foi objeto de várias pesquisas, porém poucas se referem aos professores que atuam nas escolas inclusivas, cuja função é diversificada, considerando-se que os alunos com deficiências mentais, visuais, auditivas, autismo, paralisia cerebral e outras deficiências requerem competências e habilidades, também, especiais.

Para ensinar com sucesso, é necessário desejar que o aluno aprenda. Segundo Fernández<sup>27</sup>, o prazer de ensinar desencadeia nos alunos o prazer de

aprender, e o fracasso de quem ensina passa necessariamente a somatizar para o fracasso de quem aprende.

Neste processo de aprendizagem, estão interligados “aprendentes e ensinantes”, ou seja, alunos e professores, compreendendo que o professor deve estar bem, para bem conduzir o processo de aprendizagem dos alunos portadores, ou não, de deficiências <sup>27</sup>.

Lages<sup>32</sup> desenvolveu em sua pesquisa de mestrado algumas reflexões acerca da inclusão do Portador de Necessidades Educativas Especiais e a experiência da diversidade do trabalho do psicólogo frente às apresentações teóricas, tendo como amostra a rede municipal de ensino, no município de Três Corações. A sua dissertação foi realizada no programa de pós-graduação (Mestrado em Engenharia de Produção), com objetivo de verificar as dificuldades encontradas pelos professores que atuam com esta clientela. Seus resultados apontaram a complexidade do processo de inclusão do aluno NEE que depende de diversos segmentos da sociedade. É imprescindível que esse aluno tenha acompanhamento do psicólogo no processo inclusivo, na busca de uma melhor qualidade de atendimento para os portadores de necessidades educativas especiais nas escolas da rede de ensino regular.

O trabalho de Lages reforça a necessidade de uma “escuta” diferenciada e aprofundada do papel que desempenha o professor na escola inclusiva, demonstrando sua fragilidade no atendimento às diferenças e suas necessidades de acompanhamento de especialista para o enfrentamento do desafio proposto pelo processo inclusivo.

Foram, também, realizados estudos sobre as concepções da deficiência mental pelos pais e professores, apresentados na tese de doutorado de Camargo<sup>33</sup>, realizada na UNICAMP, com objetivo de compreender as concepções dos pais e professores dos portadores de deficiência mental e como estas concepções interfere nos atendimentos destes sujeitos. Os resultados apontaram que os pais apresentam concepções de que seus filhos (em estudo) são imaturos, enquanto os professores apresentaram maiores expectativas positivas em relação aos alunos. O estudo foi realizado através da análise das discussões entre pais e professores em reuniões de uma instituição especializada.

O estudo foi realizado em uma instituição especializada, na qual os professores atendem especificamente alunos com necessidades educacionais especiais, e são especializados para esta função. Os professores de ensino regular que atendem a mesma clientela só que, inseridos na sala regular de ensino, enfrentam a dualidade instaurada por esses atendimentos pedagógicos, muitas vezes sem fundamentação para lidar com a clientela mais exigente – os alunos com necessidades especiais<sup>33</sup>.

O artigo científico de Sant`Ana<sup>34</sup>, “Educação Inclusiva: concepções de professores e diretores” trata de uma investigação das concepções de 10 professores e seis diretores de escolas públicas do Ensino Fundamental de uma cidade do interior paulista sobre a inclusão escolar. Os resultados da pesquisa apontaram que os docentes e diretores conceberam a educação inclusiva sob diferentes enfoques, com definições que ora se aproximavam dos princípios de integração, ora se referiam ao conceito de inclusiva, destacando a falta de professores especializados para atuação na escola inclusiva.

A revisão de literatura realizada não abarcou todos os trabalhos desenvolvidos sobre professores na escola inclusiva, contudo procurou apresentar as pesquisas de destaque na área através de verificação dos bancos de dados On-Line. Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado de Faculdades e Universidades brasileiras foram referência, uma vez que não há, ainda, vasta literatura sobre o tema. Considerando ser a Educação Inclusiva recém implantada no Brasil, estão sendo desenhadas em seu cotidiano, através de suas teorias e práticas, as características embrionárias.

### **3.5 A saúde mental no trabalho docente**

Batista & Codo<sup>35</sup> descrevem a crise de identidade que passam os professores diante dos fatores que despertam sua configuração: o questionamento do saber e do fazer dos educadores; as dúvidas sobre sua competência para lidar com as exigências crescentes no mundo atual em matéria educativa; e a obrigação de trabalhar numa realidade social cada vez mais deteriorada que impõe impasses constantes à atividade dos profissionais.

Tais conflitos serviram de motivação para realização de pesquisa sobre a problemática da identidade dos trabalhadores em educação, resultando no capítulo Crise de identidade e sofrimento, do livro “Educação carinho e trabalho”<sup>36</sup>.

A pesquisa sobre as implicações do trabalho na saúde mental do professor se iniciou no Brasil na década de 80. Os registros na literatura especializada anterior a esta década tratam apenas de doenças físicas, não tratando dos aspectos psíquicos no âmbito da saúde do professor.

Outros pesquisadores têm se interessado pelo estudo da saúde mental do professor, hoje em voga, já que até há pouco tempo, apenas os aspectos da saúde física eram considerados, como a voz do professor, alergia a pó de giz. E, como enfatiza Codo, diante das exigências atuais e das crises enfrentadas no trabalho docente, tornam-se necessários estudos sobre o sofrimento mental dos professores.

Dejours apud Jacques<sup>37</sup> apontam que a repercussão do processo do trabalho sobre a saúde do trabalhador deriva tanto das condições de trabalho quanto da organização do trabalho. Os aspectos referentes às condições físicas, químicas e biológicas do ambiente de trabalho refletem no físico do trabalhador, os que dizem respeito à divisão técnica e social do trabalho (hierarquia, controle, ritmo, estilo gerencial...) repercutem sobre sua saúde psíquica causando-lhe sofrimento, doenças físicas e mentais.

Dos professores são exigidas inúmeras funções como dar aula, cuidar, avaliar e educar. O acúmulo de trabalho imposto sobre ele acaba por, também, comprometer a sua saúde. Estudos recentes têm procurado demonstrar este comprometimento através de diversas pesquisas.

Peixoto<sup>38</sup> realizou dissertação de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina, cujos objetivos foram o de caracterizar as estratégias de enfrentamento de estresse ocupacionais em professores universitários de instituições privadas, com a participação de 102 professores, utilizando-se questionários sobre a estratégia de enfrentamento, manejo de sintomas de estresse. Os resultados encontrados na pesquisa forneceram evidências de que os professores apresentam sintomas de estresse e, dentro os mais



freqüentes, estão sensações de desgastes físicos, tensão muscular, cansaço excessivo, irritabilidade e ansiedade.

Porto<sup>39</sup> realizou estudo de corte transversal sobre Condições de Trabalho e Morbidade dos Professores de Vitória da Conquista, Bahia. Foram pesquisados 1.024 professores das dez maiores escolas da rede pública e particular, com o objetivo de desenvolver um indicador sumário da morbidade dos professores e investigar a associação de algumas características ao trabalho deles. O resultado da pesquisa evidenciou uma associação diretamente proporcional entre a demanda no trabalho e a morbidade, indicando uma prevalência de distúrbio psíquico de 44%, nos professores pesquisados.

Delcor<sup>40</sup> desenvolveu estudo sobre Condições de Trabalho e Saúde dos Professores da rede Particular de Ensino em Vitória da Conquista – BA, sendo pesquisados 250 professores, destacando elevada prevalência de distúrbios psíquicos menores (DPM), com índice de 41,5%.

Lemos<sup>41</sup> desenvolveu uma tese sobre a carga psíquica no trabalho e o processo de saúde em professores universitários. Partiu da análise documental dos afastamentos para tratamento de saúde dos professores do Centro de Ciências e Saúde na Universidade Federal de Santa Maria - RS, sendo sua pesquisa efetuada em duas etapas: a) observação em aulas teóricas, que serviu de base para organização de um questionário de Avaliação de Carga Psíquica (Q-CP); b) aplicação do Q-CP. Os dados do estudo permitiram afirmar que as condições de trabalhos destes professores são precárias, tornando-os suscetíveis a processos de adoecimento físico e psíquico. Em sua pesquisa bibliográfica, foram realizados levantamentos dos estudos considerados relevantes para subsidiar a pesquisa sobre o adoecimento dos professores, apresentados em ordem seqüencial. A descrição dos artigos científicos apresentados em primeiro plano e, em seguida, as dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Neste estudo, apresenta-se a tabela construída por Lemos<sup>41</sup>, por considerá-la de fundamental importância para o referencial teórico proposto neste estudo.

Tabela 1. Síntese dos artigos disponíveis sobre trabalho e saúde de docentes (2001-2005).

Autor	Título	Fonte	Característica do estudo
Silva MR 2001	A saúde dos docentes da UFSC: recuperando a enquête dos professores realizada durante a greve de 2001.	Boletim da APUFSC 412:3-6.	Pesquisa exploratória abordando as condições de saúde/doença e suas relações com as condições de trabalho na UFSC, desenvolvida durante a greve de 2001. Foram distribuídos 300 questionários em Assembléia Geral de setembro/2001, com perguntas sobre as condições de trabalho e estresse.
Kienen N 2003	Docência patológica existe?	Interação em Psicologia 7(1), 142-143	Resenha da obra "Mal-estar Docente a Sala de Aula E A Saúde dos Professores" escrita por José Manuel Esteve.
VerhoveenC et al. 2003	Job Condictions and wellness/health outocomes in Dutch secondary scholl teachers.	Psychology & Health 18(4), 473-487	Compara as condições de trabalho dos professores holandeses com as condições dos professores europeus, envolvendo 304 professores de 7 escolas, concluindo que as condições não diferem para os professores envolvidos no estudo.
Araújo TM et al. 2005	Mal-estar docente: avaliação das condições de trabalho e saúde em uma Instituição de Ensino Superior.	Revista Baiana de Saúde Pública 29(1):6-21.	Estudo das condições de saúde e trabalho de grupos ocupacionais permite caracterizar os processos laborais e descrever o perfil de adoecimento dos trabalhadores, avaliando possíveis associações entre ocupação e saúde. Estudaram-se 314 professores da UEFS.
Reis EJM et al. 2005	Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.	Cadernos de Saúde Pública 21(5):1-12.	Estudo da saúde mental dos professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, investigou a associação entre conteúdo de trabalho e a ocorrência de distúrbios psíquicos menores, utilizou-se do SRQ com 808 professores estaduais.

Fonte: Lemos <sup>41</sup>

Tabela 2. Teses, Dissertações e Monografias disponíveis sobre trabalho e saúde dos docentes (2002 – 2006).

Autor	Titulo	Fonte	Características do Estudo
Gomes L 2002	Trabalho multifacetado de professores e professoras: a saúde entre limites.	ENASP-RJ; 123p.	A pesquisa visa desenvolver uma análise que levasse a compreensão da dinâmica da relação Trabalho/saúde dos docentes do ensino médio de uma escola estadual do Rio de Janeiro, focando a atenção na análise de fatores que contribuem para a sobrecarga de trabalho.
Kienen N 2003	Percepção das relações entre o trabalho e a saúde de professores e alunos universitários.	UFSC; PPSI; 433p.	O estudo tem como objetivo caracterizar as relações de trabalho estabelecidas entre professores e alunos, e identificar suas possíveis influências nas condições de saúde de ambos. Tem como amostra 23 alunos e 7 professores do sexto semestre de um curso de psicologia.
Carrillo JP 2004	Stress no trabalho em professores de Educação Física do sistema Munc. de Educação, na comunidade de Concepción, Oitava Região, Chile.	UNICAMP, 1-108.	A investigação visa conhecer a situação particular dos profissionais da educação física, com relação ao fenômeno do stress. O resultado obtido neste estudo nos indica que 85% dos professores de educação física têm níveis de stress altos.
Santini J, Molina Neto V 2005	A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre	Revista brasileira de Educação Física Especial, São Paulo, 19(3):209-22.	Estudo da Síndrome do Esgotamento Profissional em professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RMEPOA), que abandonam o trabalho docente, e que elementos são mais significativos nesse processo? Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e envolve 15 professores de Educação Física da Rede Municipal de Porto Alegre (RMEPOA), os quais, entre janeiro de 2000 a julho de 2002, entraram em licença médica por motivos de estresse, ansiedade e depressão. Realizaram-se entrevistas semi-estruturadas, registros em um diário de campo e análise de documentos.

Fonte: Lemos <sup>41</sup>.

Conforme revisão de literatura sobre a saúde mental do professor, (item 3.5) percebeu-se que já foram realizadas várias pesquisas sobre a saúde dos professores atuantes nos diferentes níveis de ensino, como ensino superior, fundamental, médio e professores de educação física. São raras as pesquisas sobre a saúde dos professores que atuam com alunos com necessidades educacionais especiais na escola de ensino regular, aqui denominada, escola inclusiva.

Em uma dessas poucas pesquisas realizadas, segundo Mallar & Capitão<sup>42</sup>, cujo objetivo era o de verificar se os professores que trabalham com alunos portadores de necessidades especiais apresentavam-se com *hardiness* e, conseqüentemente, sem *Burnout*, constatou-se que apenas cinco (5) deles apresentam *hardiness*. Os professores estudados não estavam em escolas inclusivas, trabalhavam em Instituições Especializadas.

Entenda-se, nesta colocação, como Instituições Especializadas, aquelas que possuem como clientela de ensino-aprendizagem apenas os portadores de necessidades especiais, tendo professores especializados para exercer sua função compatível com alunos. A realidade dos docentes que atuam na escola inclusiva é outra, pois, concomitantemente, atendem alunos ditos normais e com NEE em um só espaço, e em sua maioria não são preparados para lidar com esta dicotomia.

### **3.6. Da satisfação no trabalho**

A satisfação no trabalho é um tema de ordem subjetiva, sendo, portanto, difícil estabelecer um conceito teórico de consenso, devido a diferentes pontos de vista dos teóricos que estudam este tema.

Para diversos autores, a satisfação está amalgamada a fatores motivacionais, dependendo, para sua compreensão, das concepções da organização do trabalho e das teorias que as constituem.

Nas teorias mais recentes, a satisfação depende de fatores internos e externos, enquanto as mais antigas a enfocam apenas nos fatores externos,

como salário e produção – conceitos construídos em consonância com o momento político e histórico em que foram constituídos.

Castro<sup>43</sup> faz uma abordagem das diversas teorias, iniciando pela administração científica com Taylor. Para ele, a administração devia ser tratada cientificamente e não de maneira empírica como era tratada. Neste modelo, a satisfação era desencadeada pela motivação financeira, ou seja, salarial resultante de planos de incentivos e de produção. Para Fayol (1841-1925), fundador da teoria clássica, a organização é enfatizada como estrutura principal da empresa, sendo o domínio das técnicas responsável pelo resultado satisfatório do trabalho.

Para Herzberg<sup>44</sup>, a motivação pondera os fatores de satisfação e insatisfação, uma vez que ela não ocorre pela simples ausência de insatisfação. Necessário é que haja fatores desencadeadores de satisfação para que ela aconteça. Quando o indivíduo não se mostra motivado, é sinal que algum grau de insatisfação esteja presente.

Os aspectos determinantes de satisfação ou insatisfação no trabalho organizam-se em fatores intrínsecos ou fatores extrínsecos ao indivíduo. Se o indivíduo vislumbrar ambiente para progredir no trabalho, para atingir a auto-realização, estampa-se o exemplo de fatores intrínsecos de satisfação, como, auto – realização, recompensas simbólicas, possibilidade de criatividade no trabalho. Como fatores extrínsecos, encontramos as condições do local do trabalho ou da própria organização, o modo como se desenvolvem as relações do trabalho e no trabalho <sup>44</sup>.

Herzberg<sup>45</sup> propôs dois tipos de fatores: higiênicos e motivacionais, sendo que para ele o fato da empresa ter apenas o fator higiênico (salário compatível, relações humanas corretas, ausência de poluição no ambiente, ambiente de trabalho adequado) não garantiria a motivação de ninguém, para o trabalhador sentir-se motivado seria necessário haver um desafio inerente ao trabalho, inerente à tarefa, o que chamou de fatores motivacionais.

Chiavenato<sup>45</sup> coloca que Elton Mayo e sua equipe, nas décadas de 20 e 30, passaram a chamar atenção para uma nova teoria da motivação, argumentando que o homem não é motivado apenas por estímulo econômico e salarial, mas por recompensas sociais, bens simbólicos. A partir desta

constatação aumentou a importância dada aos fatores humanos dentro da organização.

Castro<sup>43</sup> coloca que Maslow, Carl Rogers e outros, na década de 60, ao lado do behaviorismo e da psicanálise, elaboraram uma psicologia humanística como uma nova opção para a compreensão da motivação e, conseqüentemente, de insatisfação e satisfação dependentes de fatores internos e externos.

O modelo proposto por Maslow<sup>46</sup>, centrado na teoria da Hierarquia das Necessidades Humanas, a satisfação é o resultado da superação da necessidade e o bem-estar acontece através das conquistas que eliminam as suas necessidades, ou seja, para conseguir o grau de satisfação depende do nível em que constitui esta necessidade. Repita-se, do seu significado ou desejo, as necessidades são hierarquizadas<sup>46</sup>.

O nível básico da hierarquia está na necessidade fisiológica de matar a fome, de se abrigar das intempéries e do frio, de dar de comer aos seus familiares. O mais alto nível consiste na necessidade de auto-realização, de sentir-se alguém, que realiza algo, o que só aparece no 5º e último grau<sup>47</sup>.

Pelo modelo de Maslow vê-se que a satisfação está centrada no homem trabalhador, o qual se motivaria baseado em suas necessidades e nas de sua família, o que o levaria ao desejo pelo trabalho.

Para Neves<sup>48</sup>, a convicção de que há uma forte correlação entre a satisfação e a produtividade no trabalho não parece encontrar evidências nas pesquisas científicas. Existe uma relação positiva entre as duas variáveis, mas com um teor de evidência fraco, aparece a satisfação organizacional como fundamental para qualidade de vida no trabalho determinada por estados emocionais, sendo uma resposta afetiva resultante da experiência do sujeito em relação ao trabalho, enquanto que a motivação é um processo que depende da cognição.

Martinez<sup>9</sup> coloca os diferentes conceitos sobre a satisfação no trabalho dependendo dos teóricos pesquisados. Steuer<sup>49</sup> apresenta a diferenciação entre motivação e satisfação no trabalho, apontando a motivação como manifestação da tensão gerada por uma necessidade e a satisfação apresentada pela sensação de atendimento a esta necessidade. Já,

Gonçalves<sup>50</sup> define satisfação no trabalho como um sentimento experimentado pelo trabalhador em resposta a satisfação total do trabalho. Para Henne & Locke<sup>10</sup>, a satisfação no trabalho é um estado emocional agradável resultante da avaliação que o indivíduo faz de seu trabalho resultando da percepção da pessoa sobre como o trabalho satisfaz ou permite a satisfação dos seus valores importantes em relação ao trabalho.

Dejours<sup>24</sup> aponta como principal fator determinante da psicopatologia do trabalho a própria organização do trabalho, geradora de conflito na medida em que opõe o desejo do trabalhador à realidade limitada do trabalho. A destruição desse desejo se dá em função de dois pontos cruciais, o conteúdo das tarefas e as relações humanas.

Neste sentido, a satisfação no trabalho parece contribuir diretamente para a saúde mental, enquanto a insatisfação com o trabalho pode gerar adoecimento no trabalhador.

Conforme o exposto, os conceitos ou concepções de satisfação no trabalho parecem estar amalgamados aos modelos de organização de trabalho, ao qual o trabalhador está vinculado.

### ***3.6.1 Da satisfação e sofrimento no trabalho docente***

Dejours<sup>14</sup> trouxe para o Brasil uma grande contribuição para a saúde mental no trabalho. Nos anos 70, ele publicou trabalhos nas temáticas dos estudos psicossomáticos das relações entre saúde e trabalho. Publicou, em 1978, um artigo sobre o princípio do prazer no trabalho, revelando um olhar integrador sobre a saúde e o sofrimento no trabalho, articulando as múltiplas áreas do saber, já que considera o homem sujeito que é abarcado por diversidade de conhecimento.

Para Dejours<sup>24</sup>, o sofrimento do trabalhador está dividido em componentes que permeiam a vivência global do trabalhador, desencadeada na descoberta de vários aspectos. Dois sintomas estão presentes no discurso sobre o sofrimento dos trabalhadores, quais sejam: a) a insatisfação e a ansiedade - sendo geradas pela inadequação na interação com os conteúdos

significativos em relação ao Sujeito, vida interior e subjetiva; b) o Objeto, produção como função social, econômica e política.

Neste enfoque quando um indivíduo usou de tudo que pode e de todo seu saber no trabalho e não pode mais mudar de tarefa, isto é, quando foram esgotados os meios de defesa contra a exigência física, dando-lhe a certeza de que o nível atingido de insatisfação não pode mais diminuir, marca o começo do sofrimento<sup>24</sup>.

Para a teoria dejouriana, o sofrimento psíquico está associado ao homem e à organização do trabalho, tornando-se perigoso para o aparelho psíquico quando não permitida a criatividade em suas ações. O bem-estar é conseguido quando o trabalhador articula com o conteúdo da tarefa, tendo liberdade para exercer suas atividades e é revigorado por elas. Assim, a harmonia entre os conteúdos significativos do Sujeito com o Objeto; ou seja, quando o trabalhador encontra o equilíbrio na organização do trabalho, pode se chegar à satisfação com a realização das tarefas. Devendo-se levar em conta para esse processo, simultaneamente, as satisfações concretas que dizem respeito à proteção da vida, ao bem estar físico, biológico e nervoso; à saúde do corpo; e as satisfações simbólicas, que tratam da possibilidade e manifestação dos desejos ou da motivação – a tarefa aí está vinculada ao valor simbólico atribuído pelo sujeito.

Acompanhando a evolução histórica da educação, é possível perceber que, apesar das dificuldades que enfrenta o educador, ele segue na tentativa não apenas de ensinar, mas de tentar modificar os sujeitos que a ele são entregues, na esperança de construir uma sociedade mais justa e igualitária. Um educador, quando consegue, com uma conversa ao pé do ouvido, transformar rebeldia em desafio, quando através das letras, consegue transformar vergonha em orgulho, impossibilidades em desafio, anomia em história, é efetivamente um deus, e pobre dele se não sentir-se enquanto tal<sup>8</sup>.

Afirma ainda Codo que o professor é, sem dúvida, um empreendedor que, mesmo em situações tão precárias forma todos os anos alunos que se dispõem a serem professores, mesmo sabendo que irão enfrentar dificuldades em relação à péssima qualidade do sistema da educação no Brasil, a desvalorização profissional da classe, baixos salários, a desmotivação dos



alunos e, ainda mais, os com distúrbios de aprendizagens e/ou portadores de deficiência, como é o caso dos professores nas escolas inclusivas, objeto particular deste estudo.

Muitas vezes, o professor superestima seu poder de fogo e cria altas expectativas. Talvez seja esse o seu erro. Afinal, a educação, a escola, os alunos, os pais, a economia têm problemas. Contudo, ele acredita que trabalhando muito e com afinco, da forma como está disposto será diferente. Com expectativas muito altas, as possibilidades de frustração também se elevam. Ao assumir mais compromissos e responsabilidades além do que realmente dá conta, a organização do trabalho não permite a liberdade de criar mecanismos para sua execução. O professor não dispõe de elementos que o habilitem às atividades a serem executadas, isto desestabiliza o desejo que é transformado em sofrimento psíquico<sup>8</sup>.

A função do docente é feita de contradições. Ao mesmo tempo, que o professor enfrenta problemas e dificuldades, encontra, também, na profissão uma série de satisfação e gratificações propiciadas pela sua atuação. Sendo ele detentor do seu trabalho por meio da sua ação, este lhe traz possibilidades de satisfação com o ato de ensinar, quando este ato é permeado pelo desejo.

Como descreve Dejours<sup>14</sup>, "o desejo é um conjunto de motivação, a motivação poderia ser uma produção do desejo, ou o desejo seria o cerne da motivação ou ainda mesmo, o desejo seria a parte inconsciente e oculta da motivação".

A frustração desencadeada pelo enfrentamento dos problemas – quando o professor não consegue uma organização do trabalho que lhe permita adaptá-la de acordo com seus desejos – provoca o bloqueio. O sofrimento passa a imperar e a conseqüente luta para combatê-lo se instaura. Este enfrentamento pode ser tanto individual como coletivo, levando em consideração que, para haver trabalho saudável, devem-se respeitar as potencialidades e os limites da condição humana<sup>14</sup>.

O sofrimento do professor poderá resultar, conforme Batista & Codo<sup>35</sup>, no jogo de interações que a realidade da escola impõe, interferindo na construção e variação de afeto e emoções que o trabalho demanda dos educadores.

Nessa realidade imposta pela escola, é que os educadores terão que provar sua competência profissional, produzindo um sentido para o esforço e sofrimento que as atividades do trabalho exigem.

No que se refere à psicopatologia do trabalho, dado o sofrimento resultante da organização do trabalho, poderá existir certo espaço de liberdade que autorize o trabalhador a negociar, a inventar sobre esta organização a fim de adaptá-la às suas necessidades, tornando maior a chance de realização de seus desejos<sup>14</sup>.

Neste particular, os docentes estaduais têm seu trabalho constituído pela macro-organização, de onde são emanadas as diretrizes gerais de funcionamento escolar pelos Governos Federais e Estaduais, e na micro-organização referendadas pela gestão da escola. Dejours aponta que, quanto mais a organização do trabalho (hierarquia, controle, ritmo, estilo gerencial...) “é rígida, mais a divisão do trabalho é acentuada, menor é o conteúdo significativo do trabalho e menor são as possibilidades de mudá-lo. Correlativamente, o sofrimento aumenta”<sup>24</sup>.

Desenvolver o trabalho docente com competência exige do professor uma organização do trabalho que, além de permitir sua criatividade nas tarefas executadas, também o auxilie na sua tarefa de trabalho com os alunos diferentes.

As políticas educacionais de implantação da escola de qualidade para todos colocam o professor diante da tarefa de vencer os conflitos estabelecidos pelas exigências atuais que lhe são impostas. Para tanto, é necessário que a gestão escolar envolva sua comunidade nas decisões pedagógicas, na construção dos currículos significativos, dos critérios de avaliação referenciados nos aspectos pedagógicos trabalhados, respeitada a individualidade de todos os alunos. E que participe, sobretudo, solidário ao professor nas decisões necessárias ao enfrentamento destes conflitos para minimizar o seu sofrimento.

A contribuição da gestão escolar na ação do professor poderá contribuir para que o trabalho se torne prazeroso, isto se contribuir para uma livre organização do trabalho docente.

Um trabalho livremente organizado oferece, geralmente, vias de descarga mais adaptadas às necessidades: a tarefa ao seu término trará um estado de relaxamento, o trabalhador sentir-se-á melhor que antes de tê-la começado<sup>14</sup>.

O professor que trabalha com alunos portadores de deficiências, seja ela, física, mental, visual, aditivas e/ou múltiplas, quando não possui competências para assumir as habilidades exigidas pela função, perde a capacidade de organizar seu trabalho, não encontrando a devolutiva de suas energias psíquicas, o que, por vezes, coloca em risco sua saúde mental.

Soriano & Wintersten<sup>51</sup> escreveram um artigo científico retratando pesquisa realizada sobre “Satisfação no trabalho do professor de educação física”. O objetivo da pesquisa foi o de verificar se os professores de educação física apresentam diferença no grau de satisfação no trabalho e no significado atribuído a este, em comparação com professores de outros componentes curriculares. Participaram da pesquisa 236 professores, sendo 113 de educação física, 62 de matemática e 61 de português de 1º e 2º graus da cidade de São Paulo, os dados levantados apontaram como resultados uma tendência de satisfação no trabalho do professor de educação física significativamente maior do que de outros docentes dos componentes curriculares.

Martinez<sup>9</sup> realizou uma pesquisa sobre “As relações entre a satisfação com aspectos psicossociais no trabalho e a saúde do trabalhador”, através de um estudo transversal com 224 empregados de uma empresa de auto-gestão de planos de previdências privadas e de saúde na cidade de São Paulo. Seu desiderato foi identificar se satisfação com aspectos psicossociais no trabalho está associada à saúde dos trabalhadores e verificar se essas associações são influenciadas por características sócio-demográficas. O resultado da referida pesquisa apontou que a satisfação no trabalho está associada à saúde dos trabalhadores nos aspectos saúde mental e capacidade para o trabalho, mostrando a importância dos fatores psicossociais em relação à saúde e ao bem-estar dos trabalhadores.

Maciel<sup>52</sup>, para obtenção de título de mestre em engenharia da produção, realizou pesquisa sobre fatores de interferência na satisfação dos

trabalhadores de uma unidade de alimentação e nutrição hospitalar, objetivando, por meio de revisão teórica, averiguar a condição de trabalho no setor de alimentação coletiva e satisfação no trabalho, e, por intermédio da aplicação de questionário, verificar o grau de satisfação dos referidos trabalhadores. Apontam os resultados que o grau de satisfação da amostra é médio com uma perspectiva positiva e que as condições de trabalho na unidade interferem no sentimento de satisfação de seus trabalhadores.

Na literatura verificada, foram encontrados trabalhos de pesquisa realizados para identificar o nível de saúde mental dos professores, pela identificação de indicadores de estresse, síndrome de *Burnout*, sofrimento psíquico e, também, sobre a satisfação no trabalho. São poucas, porém, as pesquisas relacionadas à saúde mental e à satisfação no trabalho dos professores que atuam com alunos portadores de necessidades educacionais especiais nas turmas regulares de ensino.

## **4 MATERIAIS E MÉTODOS**

### **4.1 Tipo de estudo**

Este estudo teve por embasamento a abordagem quantitativa com um tipo de estudo caracterizado, segundo Rouquayrol & Almeida<sup>53</sup>, como epidemiológico, cujo modelo é transversal, o qual consiste em um corte no fluxo histórico do evento, em que a exposição é observada simultaneamente. Esta é utilizada também para associação por meio de teste de hipóteses. Este tipo de estudo, portanto, informa o que está acontecendo no momento, indicando se há correlação entre exposição e evento, mas não identifica a relação de causalidade<sup>9</sup>.

Para o alcance das metas propostas neste estudo, exigiu-se a correlação das variáveis, satisfação no trabalho e sofrimento mental, não havendo a relação de causalidade explicitada por Martinez<sup>9</sup>, qual seja, para que se efetue esta relação, o estudo transversal exige outras estratégias de verificação, o que não foi a abrangência desta pesquisa.

A abordagem quantitativa se adequou ao estudo por incluir, no processo de coleta de dados, concepções e opiniões explícitas e conscientes dos pesquisados, sendo utilizados questionários com perguntas fechadas, auto aplicados. A amostragem compõe-se de 100%, ou seja, o total do universo, também permitindo o teste de hipóteses através de índices que serão comparados e correlacionados.

### **4.2 Instrumentos e procedimentos**

#### ***4.2.1 Procedimentos da coleta de dados***

O procedimento para coleta de dados foi iniciado na Secretária de Estado da Educação, com assinatura do Secretário de Educação do Estado de Rondônia do termo de consentimento para realização da pesquisa nas Escolas Inclusivas do ensino fundamental de Porto Velho, Rondônia.

O segundo procedimento foi realizado nas escolas, por intermédio de diálogo com os diretores, mediante apresentação da cópia do termo de consentimento do Secretário e do projeto de pesquisa, sendo autorizada a entrega dos questionários aos professores. Os professores foram conscientizados do objetivo dos Instrumentais da Pesquisa, responderam aos questionários, opcionalmente, após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (anexo-AI). Dos cento e trinta e dois questionários apresentados aos professores, todos foram respondidos e devolvidos.

Os dados foram levantados em 15 Escolas Estaduais de Ensino Fundamental que possuem alunos com NEE inclusos no sistema regular de ensino, que correspondem a 100% das escolas inclusivas de Porto Velho.

Tabela 3. Escolas pesquisadas e número de professores atuantes na escola inclusiva.

1	Escola Estadual de Ensino Fundamental Manaus.	02
2	Escola Estadual de Ensino Fundamental 21 de Abril.	11
3	Escola Estadual de Ensino Fundamental Sebastiana Lima de Oliveira.	11
4	Escola Estadual de Ensino Fundamental Barão de Solimões.	13
5	Escola Estadual de Ensino Fundamental e médio Getúlio Vargas	07
6	Escola Estadual de Ensino Fundamental Eduardo Lima e Silva.	10
7	Escola Estadual de Ensino Fundamental Bom Jesus.	12
8	Escola Estadual de Ensino Fundamental Eloísa Bentes.	05
9	Escola Estadual de Ensino Fundamental Samaritana.	15
10	Escola Estadual de Ensino Fundamental Carmela Dutra.	12
11	Escola Estadual de Ensino Fundamental Franklin Roosevelt.	03
12	Escola Estadual de Ensino Fundamental Tancredo Neves.	08
13	Mundo Mágico.	02
14	Escola Estadual de Ensino Fundamental Castelo Branco.	08
15	Escola Estadual de Ensino Fundamental Rio Branco.	13

**Fonte: SEDUC/GACA/PAVE/Projeto de Estatística e Pesquisa.**

As escolas, listadas na tabela 3, atendem alunos portadores de necessidades educacionais especiais, em salas regulares de ensino. O número de sujeitos pesquisados totalizou 132 professores. Os dados foram levantados nos horários destinados ao planejamento escolar, ou seja, no horário diferente ao de funcionamento das turmas em que os professores lecionam.

#### ***4.2.2 Instrumentos de coleta de dados***

Para realização deste estudo, foram aplicados aos professores três questionários nas seguintes etapas:

Na primeira etapa aplicou-se o questionário sócio-demográfico (anexo A) dividido em três blocos, com perguntas fechadas, com a finalidade de identificar o perfil sócio-demográfico dos professores.

Bloco I. Levantamento do perfil sócio-demográfico dos professores atuantes na escola inclusiva: escola de atuação (optativo) sexo, idade, escolaridade, curso de graduação, tempo de atuação no magistério, tempo de atuação na educação especial, carga horária semanal de atuação em sala de aula, carga horária de atuação fora da sala de aula.

Bloco II. Levantamento da capacitação profissional com relação aos alunos com NEE, ou seja, treinamento para atuação com estes alunos, carga horária de treinamento, treinamentos suficientes, capacitação ou especialização.

No bloco III do questionário sócio-demográfico, foram realizadas perguntas para verificar a concepção dos professores sobre as escolas inclusivas, incluindo: preparação para lecionar para os alunos com necessidades educacionais especiais junto com os demais alunos; acreditar na inclusão educacional dos alunos com necessidades educacionais especiais; achar que os alunos com necessidades educacionais especiais devem ser atendidos nas escolas especializadas; acreditar que os alunos com necessidades educacionais especiais são capazes de aprender; acreditar que a inclusão dos alunos com NEE prejudica o nível de desempenho dos demais alunos; acreditar que o aluno com NEE é capaz de progredir pedagogicamente com a inclusão; trabalhar com adaptação curricular.

Na segunda etapa, foi aplicado um questionário para identificação do sofrimento mental dos professores através de um instrumento de detecção de distúrbios psíquicos menores, não psicóticos, o “*Self- Report - Questionnaire*” (SRQ-20). O SRQ é um questionário de identificação de distúrbios psiquiátricos em nível de atenção primária, foi desenvolvido por Harding et al.<sup>54</sup> e validado no Brasil por Mari & Willians<sup>55</sup>, para uso em estudos de Morbidade Psiquiátrica em Instituições de Cuidados Primários de Saúde em países em desenvolvimento, coordenado pela Organização Mundial de Saúde. O SRQ é derivado de quatro instrumentos de pesquisa psiquiátrica já existentes<sup>55</sup>. A versão original compreende 24 itens, sendo os primeiros 20 itens para detecção de distúrbios não psicóticos e os 4 últimos itens para detecção de distúrbios psicóticos. Como é um instrumento que se destina à detecção de sintomas, este é bastante adequado para o estudo de populações. É um instrumento auto-aplicável contendo uma escala de respostas SIM/NÃO. Iacoponi & Mari<sup>56</sup> classificam as 20 perguntas em 4 grupos através da análise fatorial realizada. Fator 1, diminuição de energia; fator 2, sintomas somáticos; fator 3, humor depressivo e fator 4, pensamentos depressivos.

Na terceira etapa, aplicou-se a Escala de Satisfação no Trabalho do OSI -*Occupational Stress Indicator*, para os professores pesquisados, instrumento elaborado por Cooper, traduzido e validado para o português por Swan, Moraes & Cooper<sup>57</sup> contendo 22 perguntas sobre a satisfação no trabalho. Mensurada por meio de escalas Likert de 6 pontos, classificando o nível de satisfação como: (1) enorme insatisfação, (2) muita insatisfação, (3) alguma insatisfação, (4) alguma satisfação, (5) muita satisfação e (6) enorme satisfação.

#### **4.2.3 Justificativa para escolha dos instrumentos**

Existem outros instrumentos utilizados para avaliação da saúde mental e satisfação no trabalho no Brasil. Entretanto, procurou-se, o instrumento que medisse a satisfação do professor nos diversos aspectos psicossociais do trabalho e, a partir da sua medida, fosse possível oferecer um indicador de satisfação global e fosse possível de correlacionar com o sofrimento mental



encontrado nos professores e, ainda, que fosse traduzido para o português e validado no Brasil. Nesse sentido optou-se pela escala de satisfação do OSI - *Occupational Stress Indicator*, e o questionário *Self-Report Questionnaire* (SRQ-20).

Nesta pesquisa, foram adotadas as primeiras 20 questões utilizadas para detecção dos distúrbios neuróticos. Sendo o resultado = ou > 7 (maior ou igual a sete respostas positivas) poderá ser considerado como possível distúrbio psíquico menor, conseqüentemente com possível sofrimento mental.

Como apontam as pesquisas realizadas, o SQR-20 – *Self-report Questionnaire* é um instrumento confiável e validado para verificação do sofrimento mental.

A revisão de literatura apontou para a eficiência do QRS-20 – *Self-report Questionnaire* como instrumento utilizado, associado a outros instrumentos, em outras pesquisas realizadas com professores no Brasil. A escolha do instrumento justifica-se, também, pela sua fácil aplicabilidade, pois possui uma escala com 20 perguntas, com respostas fechadas com opção de sim ou não, possibilitando a identificação do sofrimento mental.

A escala satisfação no trabalho possibilita a mensuração de 22 diferentes aspectos psicossociais do trabalho e, por meio de escalas *Likert*, com 6 pontos, classificando o nível de satisfação como (1) enorme insatisfação, (2) muita insatisfação, (3) alguma insatisfação, (4) alguma satisfação (5) muita satisfação e (6) enorme satisfação. As escalas de *Likert* podem ser encontradas em um grande número de estudo sobre satisfação no trabalho.

O fato de a escala ser auto-aplicável e de fácil compreensão, sendo ainda possível uma correlação com o sofrimento mental e não tendo um escore definido, também contribuiu para a sua escolha a fim de verificar a satisfação no trabalho dos professores pesquisados. A abordagem diferenciada desta pesquisa está centrada na associação dos dois instrumentos, SQR-20 – *Self-report Questionnaire* e a Escala de Satisfação no Trabalho do OSI - *Occupational Estresse Indicator*.

#### **4.2.4 Número de amostragem**

A pesquisa foi realizada com a participação de 132 professores do Ensino Fundamental da Rede Estadual, que atuam nas 15 escolas inclusivas da cidade de Porto Velho - RO. A mostra correspondeu ao total do universo pesquisável.

#### **4.2.5 Critério de inclusão e exclusão**

Os critérios de abrangência foram todos os professores que atuam na rede pública estadual de ensino fundamental nas escolas inclusivas em turmas de alunos com necessidades educacionais especiais, em turmas regulares de ensino e que aceitaram participar desta pesquisa de forma livre.

Os critérios de exclusão foram os professores que atuam nas escolas inclusivas com alunos suspeitos de deficiência mental, sem diagnóstico clínico que comprove a deficiência.

#### **4.2.6 Aspectos éticos**

O projeto de pesquisa foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade São Lucas atendendo o disposto a resolução 196/96/CNS/MS para os procedimentos necessários para a realização da Pesquisa. (Anexo D)

### **4.3 Análise dos dados**

#### **4.3.1 Divisão do questionário sócio-demográfico**

O questionário sócio-demográfico (anexo A) foi dividido em três blocos:

BLOCO I – Variáveis

Escola de atuação.

Sexo

Idade

Escolaridade

Tempo de atuação no magistério

Tempo de atuação na educação especial

A carga horária semanal de atuação em sala de aula

A carga horária de atuação fora da sala de aula

#### BLOCO II - Capacitação ou especialização dos professores - variáveis

Treinamento recebido para atuação com alunos NEE

A carga horária do treinamento recebido

Se o treinamento recebido foi suficiente para embasar a prática na escola inclusiva.

Possui especialização em educação (pós-graduação)

#### BLOCO III – Concepções dos professores sobre a escola inclusiva - variáveis.

Sente-se preparado (a) para lecionar para os alunos com necessidades educacionais especiais.

Acredita na inclusão educacional dos alunos com necessidades educacionais especiais.

O aluno com necessidades educacionais especiais deve ser atendido por Escolas Especializadas.

Acredita que os alunos com necessidades educacionais são capazes de aprender.

Acredita que a inclusão dos alunos com NEE prejudica o nível de desempenho dos demais alunos.

Trabalha com adaptação curricular.

No final do trabalho, foram correlacionadas as concepções dos professores sobre a escola inclusiva com sofrimento mental e satisfação no trabalho, por meio do confronto das médias aritméticas ponderadas de satisfação no trabalho e números de professores com sofrimentos mentais por escolas.

### **4.3.2 Sofrimento Mental**

O sofrimento mental foi avaliado através de 20 variáveis, sendo a escala de resposta constituída das respostas sim ou não.

A categorização foi realizada por 5 fatores, sendo abordado na análise fatorial 1 - diminuição de energia constando-se de 6 variáveis: sente-se cansado o tempo todo, cansa-se facilmente, encontra dificuldades para tomar decisões, encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades de vida diária, tem dificuldades de pensar com clareza, tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, causa-lhe sofrimento).

Seqüenciadas estão as variáveis da análise fatorial 2 -sintomas somáticos, compostos por 4 variáveis, sendo: tem dor de cabeça freqüentemente, tem sensação desagradáveis no estômago, tem má digestão, tem falta de apetites. As variáveis de análise fatorial 3 - de humor depressivo, aparecem 3 variáveis, sendo: sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a), tem se sentido triste ultimamente, tem chorado mais do que costume.

Na análise fatorial 4 - pensamentos depressivos - é constituída de 4 variáveis, sendo: tem perdido o interesse pelas coisas, é incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida, sente-se uma pessoa inútil, sem préstimo, tem idéia de acabar com a vida. O último o fator (5) constituído de outros sintomas do SQR-20, possuindo 3 variáveis: dorme mal, assusta-se com facilidade, tem tremores nas mãos.

O sofrimento mental foi avaliado pela somatória das variáveis apresentadas no SQR 20, considerando como ponto de corte 7 ou mais respostas afirmativas das 20 questões apresentadas, para classificação dos professores como suspeito de distúrbio psíquico menor, conseqüentemente com possível sofrimento mental. Os professores que responderam menos de 7 perguntas afirmativas foram categorizados como não suspeitos de sofrimento mental ou 'sem sofrimento mental'.

### **4.3.3 Da satisfação no trabalho**

A satisfação com os aspectos do trabalho possui 22 variáveis. Cada análise é categorizada em satisfação com as opções: I - a) enorme satisfação e b) com muita satisfação, II – Intermediária: a) alguma satisfação; III – Insatisfação: a) enorme insatisfação e b) muita insatisfação.

Nas categorizações foram avaliadas as variáveis:

- Comunicação: Comunicação e forma de fluxo de informação na empresa em que trabalha.
- Relacionamento: seu relacionamento com outras pessoas na empresa em que trabalha.
- Avaliação: o sentimento que você tem a respeito de como seus esforços são avaliados.
- Conteúdo: o conteúdo do trabalho que você faz.
- Motivação: o quanto você se sente motivado por seu trabalho.
- Carreira: as oportunidades pessoais em sua carreira atual.
- Segurança: o grau de segurança no seu emprego atual.
- Realização: a extensão em que você se identifica com a imagem externa ou realização de suas empresas.
- Supervisão: o estilo de supervisão que seus superiores usam.
- Mudanças: as formas pelas quais mudanças e inovações são implementadas.
- Tarefa: o tipo de tarefa e o trabalho pelo que você é cobrado.
- Desenvolvimento: o grau em que você se sente que pode crescer e se desenvolver em seu trabalho.
- Relações: formas pelas quais os conflitos são resolvidos.
- Realização: as oportunidades que seu trabalho lhe oferece no sentido de você atingir suas aspirações e ambições.
- Liderança: o seu grau de participação em decisões importantes.
- Potencial: o grau em que a organização absorve as potencialidades que você julga ter.

- Liberdade: o grau de flexibilidade e de liberdade que você julga ter em seu trabalho.
- Psicológico: o clima psicológico que predomina na empresa que você trabalha.
- Salário: seu salário em relação à sua experiência e a responsabilidade que tem.
- Organização do trabalho: a estrutura organizacional da empresa que você trabalha.
- Volume: o volume de trabalho que você tem para resolver.
- Potencialidades: o grau em que você julga estar desenvolvendo suas potencialidades na empresa onde trabalha.

A satisfação no trabalho foi avaliada pela soma dos resultados das variáveis apresentadas, sendo o grau de satisfação ou insatisfação medido pela escala, sendo atribuído 6 para enorme satisfação, 5 para muitas satisfações, 4 para algumas satisfações, 3 para algumas insatisfações, 2 para muitas insatisfações, 1 para enorme insatisfação.

Para atender o objetivo do estudo, foi preciso correlacionar as duas principais variáveis satisfação no trabalho e sofrimento mental. Considerou-se como variável independente, satisfação no trabalho e dependente, sofrimento mental.

Para correlacionar estatisticamente estas duas variáveis, foram calculadas as médias ponderadas da satisfação no trabalho por unidade escolar, correlacionando-se com o sofrimento mental da mesma escola.

Estatisticamente, utilizou-se o coeficiente de correlação linear de Pearson que possui a expressão matemática.

$$\bar{x} = \frac{\sum x}{n} = \quad \bar{y} = \frac{\sum y}{n} =$$

$$\bar{xy} = \frac{\sum xy}{n} =$$

$$\sigma_x = \sqrt{\frac{\sum x^2}{n} - \left(\frac{\sum x}{n}\right)^2} =$$

$$\sigma_y = \sqrt{\frac{\sum y^2}{n} - \left(\frac{\sum y}{n}\right)^2} =$$

$$r_{xy} = \frac{\overline{xy} - \bar{x} \cdot \bar{y}}{\sigma_x \cdot \sigma_y} =$$

O programa utilizado para realização da tabulação de dados foi o Microsoft Excel 2003, sendo o mesmo processo realizado para correlação das variáveis de concepção do professor sobre a escola inclusiva com a satisfação no trabalho e sofrimento mental. O nível de significância utilizado foi de  $p \geq 0,05$ .

## **5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS**

Os resultados estão apresentados conforme a ordem da pesquisa, sendo que primeiro foi aplicado o questionário sócio-demográfico, em segundo o questionário e o questionário Self-Report Questionnaire (SRQ-20) e em seguida a escala de satisfação do OSI - Occupational Stress Indicator.

### **5.1 Apresentação dos resultados do questionário sócio-demográfico.**

O questionário sócio-demográfico está organizado em 3 blocos , sendo o bloco I constituído das variáveis a seguir.

#### ***5.1.1 Das variáveis sócio-demográficas***

Os questionários do bloco I aplicados aos professores apresentaram em seus resultados predominância do sexo feminino, totalizando 70,5% dos pesquisados, sendo que apenas 29,5% eram do sexo masculino.

A predominância de idade foi maior na faixa etária de 40 a 49 anos, com 41,67% dos professores, seguidos de 32,6% no intervalo de 30 a 39 anos, 12,9% indicaram a idade de 20 a 29, igualando a idade de 50 a 59, também, com 12,9%. Não houve nenhum professor com mais de 59 anos.

O maior índice de escolaridade foi superior completo, com 49,24%, apontando a predominância no curso de Pedagogia com 37,12%, o superior incompleto obteve 37,1% e a Pós-graduação ficou com 9,85 dos professores pesquisados, outras habilitações ficaram com 62,8%.

O maior tempo de atuação no magistério foi de 15 a 17 anos, com 23,48%, e de 18 a 20 anos, com a mesma porcentagem. A somatória das duas respostas foi 46,96% dos pesquisados de 6 a 8 anos, somaram (os dois intervalos) 28,78%, de 12 a 14 anos apresentou-se com 15,91%, de 3 a 5 anos



obteve 7,58%, ficando com a menor freqüência (0,76%) a opção menos de 2 anos.

Quanto ao tempo de atuação na educação especial, 40,15% responderam ter menos de 2 anos de atuação, seguido de 6 a 8 anos com 24,2%, de 3 a 5 anos com 15,9%, de 9 a 11 com 9,1% , de 12 a 14 anos com 6,8%, de 15 a 17 anos com 1,5%, e a menor freqüência ficou com 18 a 20 anos de atuação na educação especial, 0,8%, não aparecendo nenhuma freqüência para a opção mais de 20 anos. Da carga horária de atividade docente, 69,7% possuem uma carga horária de atividade de 40 horas semanais, 25% possuem 20 horas, 4,5% possuem 60 horas e 0,8% possuem menos de 20 horas de atividades.

### ***5.1.2 Da capacitação dos professores.***

Os itens referentes à capacitação consistem o bloco II do questionário, sócio-demográfico.

Os dados apontaram que, 62 % dos professores atuantes nas escolas inclusivas, não receberam treinamentos para esta atuação e que apenas 37,9% receberam; dos que receberam treinamento a carga forma distribuídas em menos de 20 horas para 20% dos professores, 21 a 40 horas para 22%, 41 a 60 horas para 4%, 61 a 80 horas 34% e mais de 80 horas para 20% dos professores inquiridos.

Quanto aos treinamentos recebidos 26,2% dos professores consideram-nos suficientes e 73,81% os consideram insuficientes para embasar sua prática na escola inclusiva.

### ***5.1.3 Das concepções dos professores sobre a escola inclusiva***

As concepções dos professores pesquisados sobre a escola inclusiva constituem-se do bloco III do primeiro questionário aplicado a eles (anexo I). Procurou-se saber o que pensam os professores sobre o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE).

Tabela 4 -. Frequência (%) das concepções dos professores quanto a sua atuação na escola inclusiva – Porto velho/ RO, 2008.

<i>1- Você sente-se preparado (a) para lecionar para alunos com NEE inclusos em sua sala de aula?</i>	<i>Nº</i>	<i>%</i>
Sim.	16	12,1
Não.	69	52,2
Às vezes	47	35,6
<i>2 - Você acredita na inclusão educacional de alunos com NEE?</i>		
Sim.	53	40,1
Não.	46	34,8
Às vezes.	33	25
<i>3 - Acha que os alunos com NEE devem ser atendidos por Escolas Especializadas?</i>		
Sim.	63	47,7
Não.	31	23,6
Às vezes.	38	28,8
<i>4 - Você acredita que os alunos com NEE são capazes de aprender?</i>		
Sim.	120	90,9
Não.	1	0,8
Às vezes.	11	8,3
<i>5 - Você acredita que a inclusão dos alunos com NEE prejudica o nível desempenho dos demais alunos?</i>		
Sim.	8	6,06
Não.	96	72,73
Às vezes	28	21,21
<i>6 - Você trabalha com adaptação curricular?</i>		
Sim.	37	28,03
Não.	69	52,3
Às vezes.	26	19,7

Conforme tabela 4, grande número dos professores que atuam na escola inclusiva, 52,2%, não se sente preparado para esta atuação; 35,6% apenas, às vezes, sentem-se preparados para tal, e somente 12,1% deles se sentem preparados para trabalhar na escola inclusiva.

40,1% dos professores acreditam na inclusão escolar, 34,8, não acredita na inclusão dos alunos com NEE, sendo que 25% às vezes acreditam.A

maioria, 47,7%, acha que os alunos NEE deveriam ser atendidos nas escolas especializadas; 28,8% às vezes, acham que eles deveriam ser atendidos nas escolas especializadas; apenas 23,6% acham que estes alunos não deveriam ser atendidos nas escolas especializadas.

Quanto à aprendizagem dos alunos com NEE, 90,9% dos professores acreditam em sua aprendizagem; 8,3% às vezes acreditam na aprendizagem deles; e apenas 0,8% não acreditam na capacidade de aprendizagem destes alunos.

A inclusão escolar dos alunos com NEE prejudica o nível de desempenho dos demais alunos, 72,7% acham que não prejudicam, 21,2% acham que às vezes prejudicam e apenas 6,06 responderam que a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais prejudicam os demais alunos. A adaptação curricular é trabalhada apenas por 28% dos professores; 52,3% não trabalham com adaptação curricular e 19,7%, às vezes, trabalham.

## 5.2 Do sofrimento mental

A apresentação dos dados sobre sofrimento mental segue a classificação de Iacoponi & Mari<sup>56</sup>, sendo apresentado seqüenciado, Fator 1, diminuição de energia; Fator 2, sintomas somáticos; Fator 3, humor depressivo; Fator 4, pensamentos depressivos e Fator 5, outros sintomas do SQR-20.

**Tabela 5. Frequência relativa ao fator 1 - diminuição de energia.**

Perguntas	N (Sim)	%	N (Não)	%
Sente-se cansado (a ) o tempo todo ?	55	41,7	77	58,3
Você se cansa com facilidade?	60	45,5	72	54,5
Encontra dificuldades para tomar decisões?	57	43,2	75	56,8
Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias?	68	51,5	64	48,5
Tem dificuldades para pensar com clareza?	57	43,2	75	56,8
Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, causa-lhe sofrimento?)	45	34,1	87	65,9

A tabela 5 constituída do fator 1 - diminuição de energia apresenta a maior freqüência na variável “encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias” com 51,5%, seguida de “cansa-se com facilidade” com 45,5% e “tem dificuldades de pensar com clareza”, com 43,2%; as variáveis “encontra dificuldades para tomar decisões” com 51,5% e “Sente-se cansado (a) o tempo todo” tiveram 41,7% de freqüência, ficando com o menor percentual o item “tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, causa-lhe sofrimento?)” com 34,1%.

**Tabela 6. Freqüência relativa ao fator 2 - sintoma somático.**

Perguntas	N(sim)	%	N(Não)	%
Você tem dores de cabeça freqüentemente?	66	50	66	50
Tem sensações desagradáveis no estômago?	60	45,5	72	54,5
Tem má digestão?	50	37,9	82	62,1
Tem falta de apetite?	34	25,8	98	74,2

A freqüência da tabela 6 - de sintoma somático, fator 2, teve seu maior índice na variável “tem dores de cabeça freqüentemente”, com 50,0%, acompanhado da opção “têm sensações desagradáveis no estômago”, com 45,5%, “tem má digestão” ficou com 37,9 % e, com menor freqüência, “tem falta de apetite”, com 25,8%.

**Tabela 7. Freqüência relativa ao fator 3 – Humor depressivo.**

Perguntas	N(Sim)	%	N(Não)	%
Sente-se nervoso (a) tenso (a) ou preocupado (a)?	80	60,6	52	39,4
Tem se sentido triste ultimamente?	60	45,5	72	54,5
Tem chorado mais do que costume?	43	32,6	89	67,4

Na tabela 7 - Humor depressivo, fator 3, a maior freqüência ficou com a variável “sente-se nervoso, tenso ou preocupado”, com 60,6%, em seguida

com 45,5% “tem se sentido triste ultimamente”, e com a menor frequência ficou a variável “tem chorado mais do costume, com 32,6%.

**Tabela 8 - Frequência relativa ao fator 4 – pensamentos depressivos**

Perguntas	N(sim)	%	N(Não)	%
Tem perdido o interesse pelas coisas?	48	36,4	84	63,6
É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?	22	16,7	110	83,3
Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?	12	9,1	120	90,9
Tem idéia de acabar com a vida?	15	11,4	117	88,6

Na tabela 8 Fator 4, referente ao pensamento depressivo, a maior frequência ficou com “perda de interesse pelas coisas” com 36,4%, seguida de 16,7% para a resposta “incapaz de desempenhar um papel útil na sua vida”, com 16,7%, sendo 11,4% obtidos no item “tem idéia de acabar com a vida”, o menor índice ficou com a opção “você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo” com 9,1%.

**Tabela 9 – Fator 5 outros sintomas do SRQ-20.**

Outros sintomas do SQR-20.				
Dorme mal?	61	46,2	71	53,8
Assusta-se com facilidade?	61	46,2	71	53,8
Tem tremores nas mãos?	20	15,2	112	84,8

Em outros sintomas do SQR-20 apresentaram com maior frequência as variáveis “dorme mal” e “assusta-se facilmente” com 46,2%, com menor frequência ficou a variável “tem temores nas mãos” com 15,2%.5.2 Da satisfação no trabalho. O questionário III (anexo C) trata da satisfação no trabalho dos professores que atuam nas escolas inclusivas de Porto Velho – RO.

**Tabela 10 - Frequência de respostas afirmativas sobre satisfação e insatisfação no trabalho.**

Aspecto do trabalho	6	5	4	3	2	1	Total
Variáveis	Nº %	Nº %	Nº %	Nº %	Nº %	Nº %	N %
Comunicação	8- 6,0	27 - 20,5	40 - 30,3	32- 24,2	15-11, 4	10 - 7,6	132,100
Relacionamen to	27- 20,5	33 - 25,0	39 - 29,5	20 - 15,2	11 -8,3	2 -1.5	132,100
Avaliação	13 - 9,8	21 - 16,0	39 - 29,5	36 - 27,3	17- 12,9	6 - 4,5	132,100
Conteúdo	15 - 11,4	51 - 38,6	38 - 28,8	14 - 10,6	9 - 6,8	5 - 3,8	132,100
Motivação	11 - 8,3	35 -26,5	41 - 31,0	22 - 16,7	18- 13,6	5 - 3,8	132,100
Carreira	11 - 8,3	28 -21,2	34 - 25,8	33 - 25,0	17- 12,9	9 - 6,8	132,100
Segurança	23 - 17,4	26 - 19,4	33 - 25,0	27 - 20,4	20- 15,2	3 - 2,3	132,100
Imagem	9 - -6,3	28 - 21,2	50 - 37,9	29 - 22,0	10 - 7,6	6 - 4,5	132,100
Supervisão	7 - 5,3	26 - 19,7	36 - 27,3	31 - 23,5	22- 16,7	10 - 7,5	132,100
Mudanças	4 - 3,0	16 - 12,1	33 - 25,0	41 -31,1	29- 22,0	9 - 6,3	132,100
Tarefa	7 - 5,3	25 - 19,0	31 - 23,5	38 - 28,8	2-- 17,4	8 - 6,0	132,100
Crescimento	11 - 8,3	38 - 28,8	30 - 22,7	29 - 22,0	17- 12,9	7 - 5,3	132,100
Conflito	4 - 3,0	17 - 12,9	41 - 31,0	31 - 23,5	30- 22,8	9 - 6,8	132,100
Aspirações	2 - 1,5	20 - 15,2	40 - 30,3	37 - 28	29- 22,0	4 - 3,0	132,100
Decisões	10 - 7,6	31 - 23,5	25 - 19,0	37 - 28	23- 17,4	6 - 4,5	132,100
Potencialidade	5 - 3,8	37 - 28,0	39 - 29,6	32 - 24,2	14- 10,6	5 - 3,8	132,100
Flexibilidade	7 - 5,3	42 - 31,8	31 - 23,5	25 - 18,9	20- 15,2	7 - 5,3	132,100
Clima	7 - 5,3	25 - 18,9	27 - 20,5	39 -29,5	19- 14,4	15 - 11,4	132,100
Salário	3 -2,3	11 - 8,3	23 - 17,4	46 - 34,8	37- 28,0	12 -9,0	132,100
Estrutura	10 - 7,5	27 - 20,4	30 - 22,8	34 - 25,8	18- 13,6	13 - 9,8	132,100
Voluma	5 - 3,8	22 - 16,7	27- 20,5	39 - 39,5	31- 23,5	8 - 6,0	132,100
Desenvolvime ntos	6 - 4,5	29 - 22	35 - 26,6	33 - 25,0	22- 16,6	7 - 5,3	132,100

A tabela 10 apresenta em número e porcentagem as freqüências encontradas na Escala de Satisfação no Trabalho.

Moraes et al. <sup>58</sup> apud Martinez <sup>9</sup>, colocam que a escala de satisfação no trabalho compõe uma variável que mede os sentimentos individuais em relação



As escolas pesquisadas estão representadas pelas letras do alfabeto, de A até O, nas variáveis: enorme satisfação, muita satisfação, alguma satisfação, alguma insatisfação, muita insatisfação e enorme insatisfação com atribuição de seus respectivos valores.

Em cada escola encontra-se o total das seis variáveis, em médias ponderadas por intermédio de expressão numérica logo abaixo.

A média aritmética ponderada está definida pela seguinte expressão matemática:

$$\bar{x} = \frac{\sum x_i \cdot p_i}{\sum p_i} = \frac{x_1 \times p_1 + x_2 \times p_2 + \dots + x_n \times p_n}{p_1 + p_2 + \dots + p_n}$$

Onde  $x_x$  = valor da variável, que corresponde ao grau de satisfação.

$p_i$  = valor dos pesos, que corresponde ao número de professores de cada escola em relação ao grau de satisfação.

Por exemplo, a escola A possui a seguinte média aritmética ponderada:

$$\bar{x}_p = \frac{6 \times 6 + 5 \times 65 + 4 \times 87 + 3 \times 89 + 2 \times 48 + 1 \times 35}{330} = 3,35$$

O restante das médias ponderadas segue o mesmo procedimento estatístico. Desta forma, a maior média ponderada ficou com a escola que alcançou 4,48 e a menor ficou com 3,31%.

A média total de 3,74, portanto, representa um valor médio entre alguma insatisfação e alguma satisfação, estando mais perto de alguma satisfação.



**Tabela 12. Frequência de professores com sofrimento mental e sem sofrimento mental.**

Escolas	Com sofrimento Mental	%	Sem sofrimento mental	%	Total N
A	5	33,3	10	66,7	15
B	2	40	3	60	5
C	1	50	1	50	2
D	7	58,3	5	41,7	12
E	3	37,5	4	62,5	7
F	3	27,3	8	72,7	11
G	5	45,5	6	54,5	11
H	2	66,7	1	33,3	3
I	6	50	6	50	12
J	1	50	1	50	2
K	6	60	4	40	10
L	5	38,5	8	61,5	13
M	4	50	4	50	8
N	7	53,8	6	46,2	13
O	3	37,5	5	62,5	8
Total	60	45,5	72	54,5	132

Pela interpretação dos dados, podemos dizer que 45,5% é a razão de prevalência dos professores com distúrbio psíquicos e que 54,5% é a razão de prevalência dos professores sem distúrbio psíquicos.

### **5.3 As concepções dos professores das escolas inclusivas e suas possíveis correlações com a satisfação no trabalho e sofrimento mental.**

Correlação das 6 respostas sobre concepção dos professores satisfação no trabalho e sofrimento mental.

**1) Sente-se preparado para lecionar para alunos com NEE.**

a) Correlação entre a pergunta 1 e satisfação no trabalho =  
 $r_{xy} = -0,05386$  ,

b) Correlação entre a Pergunta 1 e com sofrimento mental  
 $r_{xy} = -0,03398$  ,.

**2) Acredita na inclusão educacional dos alunos com NEE.**

a) Correlação entre a Pergunta 2 e a satisfação no trabalho  
 $r_{xy} = -0,04412$  .

b) Correlação entre a Pergunta 2 e com sofrimento mental  
 $r_{xy} = 0,390805$  , .

**3) Acha que o aluno com NEE deve ser atendido por Escolas Especializadas?**

a) Correlação entre a Pergunta 3 e a satisfação no trabalho  
 $r_{xy} = -0,41295$  ,

b) Correlação entre a Pergunta 3 e com sofrimento mental  
 $r_{xy} = 0,791595$  ,

**4 Acredita que os alunos com NEE são capazes de aprender.**

a) Correlação entre a Pergunta 4 e a satisfação no trabalho  
 $r_{xy} = -0,46126$  ,

b) Correlação entre a Pergunta 4 e com sofrimento mental  
 $r_{xy} = 0,841209$  ,

**5- Acredita que a inclusão dos alunos NEE prejudica o nível de desempenho dos demais alunos.**

a) Correlação entre a Pergunta 5 e a satisfação no trabalho  $r_{xy} = -0,14209$  , b)  
 Correlação entre a Pergunta 5 e com sofrimento mental  
 $r_{xy} = 0,164514$  ,.

**6 -Trabalha com adaptação curricular.**

a) Correlação entre a Pergunta 6 e a satisfação no trabalho  
 $r_{xy} = -0,33239$  ,

b) Correlação entre a Pergunta 10 e com sofrimento mental  
 $r_{xy} = 0,1755$  ,

#### 5.4 Correlação entre grau de satisfação no trabalho e sofrimento mental

Na tabela 13 estão correlacionadas as duas variáveis, o grau de satisfação no trabalho e o sofrimento mental por escola.

**Tabela 13. Média ponderada de satisfação no trabalho e sofrimento mental.**

Escolas	Satisfação no trabalho	Com Sofrimento mental
A	3,35	5
B	3,76	2
C	3,14	1
D	3,64	7
E	3,69	3
F	3,44	3
G	3,31	5
H	4,44	2
I	3,76	6
J	4,84	1
K	4,13	6
L	3,6	5
M	4,09	4
N	3,28	7
O	3,65	3

**Tabela 14. Quadro demonstrativo da realização de correlação da satisfação no trabalho e sofrimento mental dos professores pesquisados.**

$x_i$	$y_i$	$x_i \cdot y_i$	$x_i^2$	$y_i^2$
3,35	5	16,75	11,2225	25
3,76	2	7,52	14,1376	4
3,14	1	3,14	9,8596	1
3,64	7	25,48	13,2496	49
3,69	3	11,07	13,6161	9
3,44	3	10,32	11,8336	9
3,31	5	16,55	10,9561	25
4,44	2	8,88	19,7136	4
3,76	6	22,56	14,1376	36
4,84	1	4,84	23,4256	1
4,13	6	24,78	17,0569	36
3,60	5	18,00	12,96	25
4,09	4	16,36	16,7281	16
3,28	7	22,96	10,7584	49
3,65	3	10,95	13,3225	9
56,12	60	220,16	212,98	298

$$\bar{x} = \frac{\sum x}{n} = \frac{56,12}{15} = 3,7413 \quad \bar{y} = \frac{\sum y}{n} = \frac{60}{15} = 4$$

$$\bar{xy} = \frac{\sum xy}{n} = \frac{220,16}{15} = 14,6773$$

$$\sigma_x = \sqrt{\frac{\sum x^2}{n} - \left(\frac{\sum x}{n}\right)^2} = \sqrt{\frac{212,98}{15} - \left(\frac{56,12}{15}\right)^2} = 0,4484$$

$$\sigma_y = \sqrt{\frac{\sum y^2}{n} - \left(\frac{\sum y}{n}\right)^2} = \sqrt{\frac{298}{15} - \left(\frac{60}{15}\right)^2} = 1,9664$$

Então o coeficiente de correlação linear será

$$r_{xy} = \frac{\overline{xy} - \bar{x} \cdot \bar{y}}{\sigma_x \cdot \sigma_y} = \frac{14,6773 - 3,7413 \cdot 4}{0,4484 \cdot 1,9664} = -0,3265$$

Como o coeficiente de correlação linear é negativo, significa que as variáveis satisfação no trabalho e sofrimento mental são inversamente proporcionais, isto é, quando aumenta a satisfação no trabalho, diminui o sofrimento mental.

## 6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 6.1 Do questionário sócio-demográfico

A característica sócio-demográfica dos professores estudados apresenta predominância do sexo feminino constituindo-se de 70,5%, enquanto apenas 29,5% são do sexo masculino, com a maior média de idade entre 40 a 49 anos. A maioria possui nível superior em pedagogia. As características que se referem à maioria dos professores do sexo feminino estão também presentes nas pesquisas referentes aos professores na educação básica no Brasil.

Na pesquisa de Reis et al.<sup>59</sup> há predominância de mulheres; dos 808 pesquisados, 741 eram professoras, no estudo de Delcor<sup>40</sup>, sobre condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino aparecem 82,8% de professoras.

Para Codo<sup>8</sup>, os trabalhadores da educação constituem até a atualidade, uma categoria essencialmente feminina; sendo, no ensino de primeira a quarta série, a presença avassaladora de mulheres e, nos últimos anos, no ensino fundamental, começa a presença dos homens. Que aparecem em proporção importante para atingir os 39% no ensino médio. O estudo de Pedro & Peixoto<sup>60</sup> sobre satisfação profissional e auto-estima em professores dos 2º e 3º ciclo de Ensino Básico em Portugal constitui a amostra de 66% do sexo feminino.

O número de professores com curso superior foi correspondente a 49,2 e os que estão cursando o ensino superior correspondeu a 37%. Sendo a formação superior inferior ao encontrado em Delcor<sup>40</sup>, cujo perfil é de 71% dos pesquisados com curso superior. O estudo de Mallar & Capitão<sup>43</sup>, sobre *Burnout e Hardiness*, com 67,8% dos professores com curso superior. O estudo de Gasparini et al.<sup>61</sup>, em Belo Horizonte, que apresenta 92,9% dos professores pesquisados com curso superior, sendo a média de idade dos professores pesquisados similar as encontradas em outros estudos<sup>43, 60, 61</sup>.

A maioria dos professores é do sexo feminino e com idade compatível com a de outras pesquisas, o mesmo não ocorrendo para a escolaridade. Os professores aqui estudados estão proporcionalmente em um nível inferior

quanto ao grau de escolaridade, o que demonstra as diferenças regionais existentes. E só parece aumentar o número de professores escolarizados após a implantação da Lei de Diretrizes e Base n.9.394 (LDB)<sup>62</sup> que coloca a exigência dos professores cursarem nível superior, já que 37% dos pesquisados estão cumprindo com esta exigência e 49,2 já possuem formação superior.

Em se tratando de tempo de atuação no magistério, os intervalos que possuem maior índice são de 15 a 17 anos com 23,5% e de 18 a 20 anos, com a mesma proporcionalidade, totalizando 46,96% dos professores com tempo de serviço de 15 a 20 anos. Quanto ao tempo de atuação na educação especial a maioria, 40,2% dos professores, possui menos de 2 anos de atuação nesta modalidade de ensino.

Comparando este com outros estudos, verificou-se que, com relação ao tempo de magistério, a realidade pesquisada assemelham-se as outras pesquisas<sup>62, 64, 8</sup> com a maior porcentagem de tempo de serviço de 89,7% para de 20 a 24 anos de atuação no magistério. Diferencia-se dos trabalhos de Porto *et al.*<sup>64</sup> sobre associação entre distúrbios psíquicos e aspectos psicossociais do trabalho docente, em que o tempo de serviço dos professores da educação básica apresenta média de 10 anos e meio, de tempo de serviço. No estudo de Delcor<sup>40</sup>, o tempo de serviço dos professores é inferior aos apresentados nas demais pesquisas com média 8,5 anos de atuação.

O tempo de serviço dos professores na educação especial, encontrado nesta pesquisa, compatibiliza com a criação das escolas inclusivas em Porto Velho/RO, considerando que a implantação desta modalidade de ensino só aconteceu após a implantação da LDB 9394/96. Haja vista sua normatização pelo Conselho Nacional de Educação, através da Câmara de Educação Básica (CNE/CEB), aconteceu por intermédio da Resolução 02/09/2001, com prazo de um ano para sua execução. Mas a escola inclusiva só foi, de fato, regulamentada no Brasil, a partir de 2003.

A carga horária semanal de atuação em sala de aula teve a maior variável em 40 horas semanais com 69,7%, se assemelhando, também, a outras pesquisas realizadas com professores<sup>39, 61, 65</sup>. Delcor<sup>40</sup> encontra em seu estudo, uma carga horária média semanal do professor 34,3 horas que se

aproxima, também das horas encontradas neste estudo. Porto <sup>39</sup> encontra uma média de 30 horas semanais,

Quanto a carga horária exercida em outras atividades fora de sala de aula, 58% dos pesquisados apontaram trabalharem até 6 horas, 43% até 10 horas, 4% apontaram até 15 horas de atividades semanais fora de sala de aula. Percebe-se a dupla jornada dos professores em atuação em sala de aula e a continuação das atividades fora de sala de aula o que sobrecarrega os docentes em suas atividades laborais. A sobrecarga no trabalho docente também foi encontrada no trabalho de Lemos <sup>41, 40, 63</sup>, Codo <sup>36</sup> coloca que a sobrecarga de trabalho do professor quando ele não tem como canalizar esta energia para outras atividades prazerosas (lazer, convivências harmoniosas com o grupo familiar) pode conduzi-lo ao adoecimento.

No que tange à capacitação dos professores, a maioria, 62,1%, não recebeu nenhum treinamento e 37,9% receberam; dos que foram treinados para a função que exercem 34% estão no intervalo de 61 a 80 horas. Os dados do Ministério da Educação <sup>1</sup> apontam que, em todo Brasil, 77,8% dos professores que atuam na educação especial possuem cursos específicos, não determinando, porém, a diferença entre os atuantes em escolas inclusivas e em instituições especializadas.

Na Região Norte, conforme dados do MEC <sup>1</sup>, foram capacitados, em 2006, 3.881 professores para atuar na educação especial, destacando que 1.411 professores da Região Norte possuem cursos de, no mínimo, 40 horas.

Enquanto Rondônia aparece com 127 professores com curso de, no mínimo, 40 horas, o Estado do Pará, aparece com 529 professores nas mesmas condições, o que demonstra a defasagem que Rondônia tem em relação à capacitação docente para atuação na educação especial. Não é preciso compará-lo com as demais regiões, mas com a própria região Norte.

Este é o perfil sócio-demográfico dos professores atuantes nas escolas inclusivas apresentado na análise dos dados: um quadro de professores despreparados pedagogicamente e inexperientes para atuação com alunos com necessidades educacionais especiais. Ferreira & Guimarães <sup>30</sup> enfatizam, que, para suprir a demanda de qualidade da educação para todos, os



professores têm um árduo trabalho na função de atender com qualidade a diversidade que hoje compõe o espaço da escola.

### ***6.1.1 Das concepções dos professores sobre o processo de inclusão escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais.***

Nas concepções dos professores na variável - sentir-se preparado para lecionar para alunos com NEE, 52,2% afirma não estarem preparados para atuação na escola inclusiva, 35,6% dizem que às vezes, e 12,1 sentem-se preparados para esta atuação. Quanto a acreditar na inclusão educacional dos alunos com NEE, 40,1% disseram que sim, 34% disseram que não, 25% disseram que às vezes acreditam.

Na variável - o aluno com necessidades educacionais especiais deve ser atendido por Escolas Especializadas - a maioria, 47,7%, acha que os alunos NEE deveriam ser atendidos nas escolas especializadas; 28,8% às vezes; apenas 23,6% acham que estes alunos não deveriam ser atendidos nas escolas especializadas.

Na variável - acredita que os alunos com necessidades educacionais são capazes de aprender - 90,9% dos professores acreditam em sua aprendizagem; 8,3% às vezes acreditam na aprendizagem deles; e apenas 0,8% não acreditam na capacidade de aprendizagem destes alunos. Acredita que a inclusão dos alunos com NEE prejudica o nível de desempenho dos demais alunos 72,73% acreditam que a inclusão não atrapalha a aprendizagem dos demais alunos, 6,1 disseram que sim e 21,2% disseram que às vezes a inclusão do NEE, prejudica os demais alunos.

Quanto a adaptação curricular, 28% dos professores trabalham; 52,3% não trabalham com adaptação curricular e 19,7%, às vezes.

Dados contraditórios das concepções do professores sobre a escola inclusiva também foram encontrados por Sant "Ana"<sup>34</sup>, em seu trabalho Educação Inclusiva: concepções de professores e diretores, faz uma investigação das concepções de professores e diretores sobre a inclusão escolar. Os resultados da pesquisa apontaram que os docentes e diretores

conceberam a educação inclusiva sob diferentes enfoques, com definições que ora se aproximavam dos princípios de integração, ora se referiam à orientação inclusiva, destacando a falta desses profissionais especializados para atuação na escola inclusiva.

A pesquisa de Lages<sup>32</sup> propõe reflexões acerca da inclusão do Portador de Necessidades Educativas Especiais, apontando os resultados à necessidade de acompanhamento psicológico para o atendimento dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Camargo estuda as concepções dos pais e professores dos alunos com NEE em uma Instituição Especializada., os pais apresentam uma a concepção de que seus filhos são imaturos, enquanto os professores acreditam que esta clientela possui mais possibilidade, colocando melhores expectativas sobre eles.

As 6 respostas das concepções dos professores sobre o processo de inclusão escolar foram correlacionadas com a satisfação no trabalho e sofrimento mental.

As concepções dos professores sobre o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais foram contempladas neste estudo partindo da hipótese de que esta poderia influenciar direta ou indiretamente na satisfação no trabalho e no sofrimento psíquico dos professores das escolas inclusivas, fato este, que parece não acontecer diante das correlações realizadas através das respostas dos professores a satisfação no trabalho é o nível de sofrimento mental .

**Tabela 15 – Demonstração das correlações das concepções dos professores sobre a inclusão dos NEE com satisfação no trabalho e sofrimento mental.**

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>Satisfação no trabalho</b>	<b>Sofrimento Mental</b>
Não sentem preparados para atuação com NEE	Não apresenta Satisfação	Diminui o sofrimento mental
Acredita na inclusão na Inclusão educacional dos alunos com NEE.	Acreditar na inclusão não aumenta a Satisfação	Aumento do sofrimento Mental
O aluno com NEE deve ser atendido nas Instituições especializadas.	Acreditar que o aluno deva ser atendido na Instituição Especializada diminui a satisfação	Aumenta o sofrimento
Acredita que os alunos com NEE são capazes de aprender.	Acreditar na capacidade de aprendizagem dos alunos não aumenta a satisfação.	Aumenta o sofrimento
Acredita que a inclusão dos alunos com NEE prejudica o desempenho dos demais	Acreditar que os alunos NEE prejudica os demais alunos diminui a satisfação	Aumenta o sofrimento.
Trabalha com adaptação curricular	Trabalhar com adaptação diminui a satisfação	Aumenta o sofrimento

As correlações com as concepções dos professores foram contraditórias conforme apontam à tabela 15, encontrando apoio nos dados sobre a capacitação dos professores, questionário sócio - demográfico II bloco, já que, apenas 12,1% dos professores pesquisados sentem-se preparados para atuação na escola inclusiva e 62,1% não possuem treinamentos para esta atuação, dos profissionais que receberam treinamentos 74,8% considera-os insuficientes para o embasamento de sua prática, outro dado que parece embasar a incoerência encontrada nas correlações e a inexperiências dos professores na atuação com a inclusão, já que, a maioria possui menos de 2 anos nesta atuação. Macedo<sup>12</sup> coloca que para que haja uma escola inclusiva é preciso repensar o modelo de escola que temos, os professores conforme dados tabulados parecem não compreender o sistema inclusivo em sua prática pedagogia embora sua consciência afetiva acredite na escola inclusiva (40,1%) não sabe como fazê-la na sua prática pedagógica cotidiana,90,9%, acredita

que o NEE é capaz de aprender, mas apenas 12% sente-se preparados para ensiná-los.

O dado encontrado nas concepções dos professores sobre a escola inclusiva, compatibiliza com as discussões teóricas de Carvalho<sup>66, 30,24,36</sup>.

Na análise destas concepções percebe-se que a mesma insegurança dos professores das escolas que atendem alunos com NEE, também se reflete em outras pesquisas<sup>33, 32, 34</sup>.

Historicamente, os professores são preparados para atenderem alunos ditos normais, sendo da educação especial o dever de atender os alunos com necessidades educacionais especiais, as políticas educacionais reforçam estas diferenças. A mensagem que, internacionalmente, concretiza o ideal da educação consta da Declaração Mundial de Educação para Todos (1990), elaborada em Jomtiem, Tailândia {...}. Criando, assim, uma imagem que a declaração de Jomtiem é dirigida aos alunos normais. A política internacional que dirige as diretrizes da educação especial é a Declaração de Salamanca (1994) tida como um documento internacional específico para as diretrizes de trabalho com os alunos com necessidades especiais<sup>66</sup>.

O relatório do MEC/INEP<sup>1</sup> apresenta a falta de qualificação dos profissionais para atuarem na Educação Básica com alunos ditos normais, comprovando como já foi dito que esta qualificação torna ainda mais defasada quando se trata da educação inclusiva.

Carvalho<sup>66</sup> aponta também a deficiência na formação iniciada dos professores na academia, não atende às exigências de formação adequada para o desenvolvimento das habilidades e competências para atuação com a inclusão escolar dos alunos com NEE.

Lages<sup>32</sup> coloca a necessidade de psicólogos para apoiar a inclusão escolar. Ferreira & Guimarães<sup>30</sup> apontam que, para se considerar uma proposta de escola inclusiva, é preciso pensar como os professores devem ser efetivamente capacitados para transformar sua prática educativa.

Dados apresentados por Lages<sup>32</sup> articulam a produção de conhecimentos com a atuação profissional, gerando a descrição de uma práxis no setor educacional, em que o aluno, com dificuldades de aprendizagem, muitas vezes, é excluído ao invés de ser encaminhado a uma avaliação que

possa apresentar um diagnóstico mais preciso. Esta é a forma mais correta do trabalho docente – possibilitar ao aluno a participação efetiva no meio em que está inserido.

Conforme o exposto na revisão de literatura, que aponta a precariedade por que passa a educação no Brasil, os dados apresentados no perfil sócio-demográfico, e concepções dos professores das escolas inclusivas parecem confirmar as pesquisas e teorias sobre o tema.

### **6.1.2 Do sofrimento mental**

A discussão dos dados referentes aos distúrbios psíquicos menores foi realizada conforme classificação de Iacoponi & Mari<sup>56</sup> utilizando 20 perguntas em 5 grupos pela análise fatorial. No Fator 1 trata-se da diminuição de energia; Fator 2, sintomas somáticos; Fator 3, humor depressivo; Fator 4, pensamentos depressivos, e Fator 5, outros sintomas do SQR.

A prevalência de 45,5% de suspeita de distúrbios psíquicos dos professores encontrada neste estudo parece elevada, quando comparado com pesquisas realizadas por Araújo *et al*,<sup>67</sup> sobre aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadoras de enfermagem, cuja prevalência de distúrbios psíquicos menores (DPM) foi de 33,3%, variando de 20,0% entre enfermeiras a 36,4% entre auxiliares. Borges<sup>68</sup> encontrou 19% de prevalência de distúrbios psíquicos menores nos metalúrgicos pesquisados. Pitta apud Guimarães *et al*.<sup>69</sup>, sugere a prevalência de 20% de sintomas psicoemocionais (transtornos psiquiátricos menores) em funcionários de hospitais pesquisados.

Nos estudos realizados com professores da educação básica, tem sido encontrado índice de prevalência de DPM, mais elevados do que os demais trabalhadores, Oliveira *et al*.<sup>70</sup> no estudo sobre condições de trabalho, saúde e sofrimento psíquico em professores da rede pública de ensino em Uberlândia-MG, encontrou 51,92% de distúrbios psíquicos menores nos professores pesquisados.

Reis et al.<sup>59</sup> encontrou nos estudos sobre trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, DPM de 55,9% nos professores; sendo 57,2% nas mulheres e 34,0% nos homens.

O sofrimento psíquico do professor aparece nas pesquisas com elevados graus, o que faz supor que esse quadro seja fruto das transformações por que a educação brasileira passa através de desafios, tais como o trabalho com a diversidade e principalmente com alunos que não apresentam bons índices de rendimento escolar. Isto tem exposto o professor ao conflito com maior intensidade<sup>71</sup>. Seja pela impulsividade, seja pela vontade de construir o futuro, o professor acaba assumindo mais compromissos e mais responsabilidades, além do que daria conta, o que faz com ele acabe a beira de esgotamento físico e mental.

Codo<sup>8</sup> escreve sobre a constante tensão enfrentada pelo professor nas relações sociais que seu trabalho impõe, obrigando a funcionar com catalisador obrigatório das relações entre todas as relações de seus alunos no grupo, as relações familiares de seus alunos e suas próprias relações com os outros.

Quanto à atuação do professor da escola inclusiva entre os problemas encontrados pelos demais professores, acrescentam-se a dificuldade de ensinar a alunos que aprendem de forma diferente.

Naujorks & Barasuol<sup>72</sup> colocam que o professor, de forma geral, foi preparado para trabalhar com alunos que “aprendem”. Ele se adapta, portanto, a este contexto escolar. Essa situação gera uma rotina e certa segurança ao professor. Porém, quando se depara com o “não aprender” e com suas próprias limitações, isso leva este professor a pensar em não adaptação a essa nova realidade, gerando angústia e sofrimento.

### **6.1.3 Da satisfação no trabalho**

As maiores freqüências de satisfação no trabalho dos professores pesquisados estão nas variáveis, “alguma satisfação” com 26,5% e 24,6% “com alguma insatisfação”, o que, segundo Martinez<sup>9</sup>, é normal. Para ele, a distribuição de dados em um valor central é natural, a maioria dos empregados apresenta níveis intermediários de satisfação, os percentuais menores se

distribuem em níveis de maior satisfação e de menor insatisfação; e também esta assertiva do autor pode ser corroborada nesta pesquisa pelas variáveis “enorme satisfação” obtiveram 6,8% e “enorme insatisfação” com 6,1%.

Quanto ao grau de “muita satisfação”, este teve o maior número de escolha afirmativa com 24,5% na variável “o relacionamento na empresa que trabalha”. A segunda variável selecionada foi “o grau de segurança no seu emprego atual” com 17,4% respostas afirmativas, “o conteúdo do trabalho que você faz,” com 11,4% das opções, e o “sentimento que você tem a respeito de como seus esforços são avaliados” com 9,8% com respostas em enorme satisfação.

Sobre o relacionamento, no estudo de satisfação e insatisfação entre auxiliares e técnicos de enfermagem de uma unidade de internação feminina de um hospital-escola, foi apresentado o seguinte resultado: o relacionamento com a equipe é um indicador de satisfação. Dezesete das entrevistadas (65%) responderam que estavam bastante satisfeitas com o relacionamento de sua equipe no trabalho, 2 (8%) responderam extremamente satisfeitas e 6 (23%) afirmaram estar mais ou menos satisfeitas com o relacionamento <sup>74</sup>.

Ainda, em se tratando de relacionamento com os colegas, Maciel <sup>52</sup> registra em seu estudo “Fatores interferentes na satisfação dos trabalhadores de uma unidade de alimentação e nutrição hospitalar em Florianópolis-SC”, que a maioria dos funcionários se referiu ao bom relacionamento com os colegas, justificado pelo grau de satisfação encontrado no trabalho.

Martinez <sup>9</sup> aponta, em sua pesquisa sobre satisfação no trabalho, que a variável relacionamento com outras pessoas da empresa apareceu como o aspecto do trabalho com maior percentual de empregados satisfeitos.

O grau de segurança dos professores no seu emprego atual mereceu destaque nesta pesquisa, considerando que seus participantes são concursados e possuem estabilidade no emprego.

O conteúdo do trabalho apareceu com índice de satisfação significativo, ou seja, o professor está satisfeito com o conteúdo do seu trabalho, está fazendo o que gosta de fazer.

Enquanto muitos trabalhadores suportam o trabalho e através do salário buscam satisfazer seus desejos, o professor, pelo contrário, suporta o salário

para continuar tendo o privilégio de satisfazer um desejo que é o de todos. Mudar o mundo através de sua ação, transformar, com seu trabalho, a si mesmo e os outros, sendo capaz de inventar um futuro a partir de seu próprio gesto<sup>75</sup>.

No estudo de Martinez<sup>9</sup>, foi demonstrada, também, satisfação na forma como os indivíduos vêem os significados do seu trabalho com o conteúdo do trabalho. A satisfação com o conteúdo do trabalho, segundo ele, parece ter importância especial para a felicidade e o bem-estar dos indivíduos.

Ainda, no que é concernente ao conteúdo do trabalho, Maciel & Diniz de Sá<sup>75</sup> em estudo sobre motivação no trabalho, afirmam que uma aplicação no modelo dos dois fatores de Herzberg constou que os professores e funcionários também acreditam que o seu trabalho proporciona desenvolvimento profissional e não o percebem como aborrecido ou desinteressante. Pelo contrário, a maioria dos sujeitos acredita-se interessar pelo trabalho realizado e não são favoráveis à possibilidade de mudança de tarefa.

A recompensa com o conteúdo do trabalho realizado aparece em várias pesquisas sobre satisfação com o trabalho. Castro<sup>43</sup> afirma que a motivação é o impulso que estimula o indivíduo para uma atividade que transcende a satisfação imediata. O motivo fornece energia, seleciona e dirige as atividades dos indivíduos, estimulando-os diversamente, de acordo com as prioridades e tendências de cada um. O que faz supor que o gosto pelo trabalho é o impulso que motiva o professor a exercer sua função.

Conforme Dejours<sup>14</sup>, quando há harmonia entre os conteúdos significativos do Sujeito e com o do Objeto, isto é, quando o trabalhador encontra o equilíbrio com a organização do trabalho pode se chegar a satisfação com o trabalho.

O sentimento que você tem a respeito de como seus esforços são avaliados apareceu com significativa porcentagem de motivo da satisfação no trabalho. A profissão do professor está ligada à valorização da sociedade, à valorização dos alunos e o respeito pela atividade que realiza. Assim se justifica o grau de satisfação com o relacionamento, com o conteúdo de seu trabalho, a segurança no trabalho e a avaliação no trabalho.



Vasquez-Menezes & Gazzotti<sup>71</sup> afirmam que “educar é uma profissão de fé que vislumbra com a possibilidade de uma atuação quase divina, pois nela transformam-se, formam-se outros indivíduos à semelhança do profissional educador.”

Os menores graus de satisfação estiveram nas variáveis, “a oportunidade que seu trabalho lhe oferece no sentido de você atingir suas aspirações e ambições” com 1,5% de escolha e “seu salário em relação a sua experiência e a responsabilidade que tem” com 2,3%, aparecendo em seguida o conflito psicológico com 3,0%, o volume de trabalho com 3,8%.

Aparecem como maior índice de insatisfação as variáveis “oportunidade que seu trabalho lhe oferece no sentido de você atingir suas aspirações e ambições”, “o salário em relação a sua experiência e a responsabilidade”, o conflito psicológico, o volume de trabalho. A descrença “em ter oportunidade de aspirações e crescimento no trabalho” parece estar interligada ao baixo salário.

As insatisfações dos professores com o salário estão entre os maiores índices, apenas 2,3% possuem enorme satisfação com salário; 28% estão com enorme insatisfação. Somando o grau de insatisfação com o salário, encontram-se 72% de professores insatisfeitos, desde alguma insatisfação até enorme insatisfação. Só perde em proporção para “as oportunidades que seu trabalho lhe oferece no sentido de você atingir suas aspirações e ambições” que, como já foi dito, esta variável tem ligação direta com salário no que se refere às aspirações e ambições.

O artigo escrito por Odelius & Codo<sup>76</sup> “trata de uma pesquisa por eles realizada sobre o salário e o poder de compra, tendo como sujeito o professor”, eles descrevem que, em setembro de 1997, os carteiros entraram em greve no Estado de São Paulo solicitando aumento no piso salarial que era de R\$ 820,00. No mesmo Estado, os professores, à época, com diploma superior, ganhavam em média R\$ 845,00 (com 6 a 10 anos na função) cuja responsabilidade normalmente é maior do que a função de carteiro. O trabalho docente é de relevância social, em que se exige mais aperfeiçoamento, e especialização constante<sup>76</sup>.

Em “A satisfação dos profissionais de informática com os fatores motivacionais: um estudo sobre expectativas e percepções”, foram encontrados

45% insatisfeitos com o salário<sup>77</sup> Além do salário, os principais tipos de insatisfações encontradas no estudo foram as perspectivas de crescimento, sistema de avaliação, conteúdo do cargo.

Os estudo apresentam dados compatíveis com esta pesquisa mesmo em se tratando de profissões diferentes, o que faz supor que os problemas dos trabalhadores estão baseados nos mesmos motivos de insatisfações e, conseqüentemente, de satisfações.

Para Neto e Marques<sup>77</sup> o prazer é vivenciado quando são experimentados sentimentos de valorização e reconhecimento no trabalho. A valorização é o sentimento de que o trabalho tem sentido e valor por si mesmo, é importante e significativo para a organização e a sociedade.

Em Dejours<sup>14</sup>, tem-se que o trabalhador ao assumir mais compromisso e responsabilidade do que realmente dá conta, a organização do trabalho que não permite a liberdade de criar mecanismo de execução do trabalho, ele não contar com capacitação que lhe permita o domínio das habilidades a serem executadas, tudo isto contribuindo para desestabilizar o desejo, transformando-o em sofrimento psíquico.

Os resultados das pesquisas sobre satisfação no trabalho apontam aspectos parecidos de satisfação e insatisfação no trabalho. As causas apontadas como satisfações estão comumente ligadas ao processo afetivo relacionado ao trabalho. Algumas teorias do trabalho, principalmente as humanistas, já colocaram a afetividade como importante fator para a produção no trabalho.

A natureza afetiva na satisfação no trabalho já foi bastante citada nas teorias e pesquisas. Locke definiu satisfação como um estado emocional agradável ou positivo, que resulta de algum trabalho ou de experiências no trabalho.

Martins<sup>73</sup>, baseado na definição de Locke, afirmava que o homem usa de sua bagagem individual de crenças e valores para avaliar seu trabalho e essa avaliação resulta num estado emocional que, se for agradável, produz satisfação e, se for desagradável, leva à insatisfação. Portanto, satisfação no trabalho é uma variável de natureza afetiva e se constitui num processo mental

de avaliação das experiências no trabalho que resulta num estado agradável ou desagradável.

Quanto às variáveis de insatisfação, estas parecem estar ligadas à organização do trabalho, “o salário e a possibilidade de crescimento na carreira” apontam insatisfações ligadas à organização central, políticas nacionais e estaduais que não propiciam aos professores condições de crescimento profissionais, principalmente tratando-se do salário

As outras variáveis que aparecem em destaque nos níveis de insatisfação foram relacionadas às organizações do trabalho local, os conflitos psicológicos aliados ao volume de trabalho que lhes são expostos estando relacionados à gestão do trabalho local, ou seja a falta de apoio dos diretores escolares, o que parece confirmar a teoria dejuoriana, Dejours<sup>24</sup>, quando a organização do trabalho bloqueia as aspirações do trabalhador é diminuída, a insatisfação se estabelece não podendo mais diminuir o sofrimento mental.

Os relacionamentos com os colegas aparecem com o maior grau de enorme satisfação, considerando ainda as concepções dos professores que aparecem na tabela 15 que trata da capacitação do professor, ou seja, a grande maioria não se sente preparado para atuação com os alunos com necessidades educacionais especiais, com também não foram preparados para esta atuação.

Só parece confirmar que a insatisfação do professor e o sofrimento psíquico estão em sua maioria relacionados à organização do trabalho.

Para a escola dejuoriana, o sofrimento psíquico está associado ao homem e a organização do trabalho, tornando-se perigoso para o aparelho psíquico quando ele não permite a criatividade em suas ações.

Dejours apud Jacques<sup>37</sup>, menciona que a repercussão do processo do trabalho sobre a saúde do trabalhador deriva tanto das condições de trabalho como da organização do trabalho. Enquanto os referentes às condições físicas, químicas e biológicas do ambiente de trabalho se refletem no físico do trabalhador, aquelas que dizem respeito à divisão técnica e social do trabalho (hierarquia, controle, ritmo, estilo gerencial...) repercutem sobre sua saúde psíquica causando-lhe sofrimento, doenças físicas e mentais.

As correlações da satisfação com sofrimento mental apresentaram associação significativa. Volta-se a reafirmar que como o coeficiente de correlação linear é negativo, significa que as variáveis satisfações no trabalho e sofrimento mental são inversamente proporcionais, isto é, quando aumenta a satisfação no trabalho, diminui o sofrimento mental.

Na pesquisa aqui apresentada, a associação da satisfação no trabalho com saúde mental apresentou resultados correspondentes à pesquisa de Martinez <sup>9</sup> sobre as relações entre satisfação com aspectos psicossociais no trabalho e a saúde do trabalhador. A autora afirma que satisfação no trabalho apareceu significativamente associada à saúde do trabalhador, no qual níveis mais elevados de satisfação com aspectos psicossociais do trabalho estavam relacionados com uma melhor condição de saúde mental.

A pesquisa de Rebouças, Legay & Abelha<sup>11</sup> também encontrou resultados similares ao desta pesquisa, ou seja, os profissionais menos satisfeitos são os que sofrem com mais intensidade o impacto de trabalhar em Saúde mental.

## 7. CONCLUSÕES

O estudo realizado sobre o sofrimento mental dos professores e sua correlação com a satisfação no trabalho apresentou uma categoria predominantemente feminina, com a média de idade de 40 a 49 anos, tempo de atuação na educação de 15 a 20 anos, sendo 49,2% possui curso superior completo e 9,8% possui pós-graduação em educação, os demais professores são de nível médio. O tempo de serviço na educação especial, aqui em se tratando de escola inclusiva, a maioria (40,2%) possui menos de 2 anos de atuação, com 40 horas em sala de aula. E a grande maioria (62%) não recebeu capacitação para atuação em turmas regulares de ensino que atendem alunos com NEE.

As concepções dos professores das escolas inclusivas aparecem de forma contraditória, deduzindo-se que os professores não formaram, ainda, opinião sobre a escola inclusiva, o que faz sugerir outras pesquisas para compreensão das concepções referentes à inclusão dos alunos com NEE.

Os professores se apresentam com suspeita de sofrimento mental, pois a prevalência de distúrbios psíquicos menores encontrados foi de 45,5%, índice elevado, se comparado com pesquisas realizadas com outras categorias de trabalhadores, com índice menores de DPM<sup>11, 68, 69, 70</sup>. Porém, próximo aos índices as pesquisa realizadas com professore nas diversas regiões do país<sup>8, 38, 39, 40, 42</sup>.

Nesta pesquisa apareceu como maior grau de insatisfação no trabalho as variáveis de oportunidades que o trabalho oferece para atingir suas aspirações e a insatisfação com o salário. O sentimento a respeito de como seus esforços é avaliado, apareceu com significativa porcentagem de motivo da satisfação no trabalho, as maiores freqüências de satisfação no trabalho dos professores pesquisados estão nas variáveis, “alguma satisfação” com 26,5% e 24,6% “com alguma insatisfação”.

A satisfação do professor, aqui apresentada, aparece também similar a outras pesquisas realizadas<sup>9, 73, 76, 77</sup>. Sendo as correlações de satisfação no

trabalho e saúde mental mostrou-se significativa, sendo inversamente proporcional, ou seja, enquanto mais elevada é a satisfação menor é a prevalência de sofrimento mental.

O estudo Sofrimento Mental e Satisfação no Trabalho: um estudo dos professores das escolas inclusivas estaduais de ensino fundamental em Porto Velho, Rondônia, presta contribuições à saúde ocupacional dos docentes atuantes na educação inclusiva; serve como referencial para políticas públicas em educação no contexto local.

Porém, por ser um estudo exploratório de uma prática recém implantada na realidade do Estado, lacunas foram deixadas para ser esclarecidas por outras pesquisas sobre o processo de inclusão local.

## 8. REFERÊNCIAS

1. Brasil, Ministério da Educação - MEC. Instituto Nacional de Educação e Pesquisa – INEP. Repensando a escola: um estudo sobre os desafios de aprender, ler e escrever. 2007.
2. Morin E. Os sete saberes essenciais à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho – 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.
3. Brasil, Constituição da República Federativa do Brasil. Ministério da Educação. Esplanada dos Ministérios. Brasília, Distrito Federal, 1988.
4. Educação Inclusiva e Prática de Sala de Aula. Relatório Síntese da Agência Europeia para o Desenvolvimento em Necessidades Educativas Especiais. Março 2003. Disponível em: <http://www.european-agency.org>
5. Brasil, Secretaria de Educação Especial - SEESP. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental - Necessidades especiais em salas de aula. Brasília; MEC, SEESP, 1998. [Série Atualidades Pedagógicas].
6. Schloss PJ. Mainstreaming Revisited. The Elementary School Journal 1992;92(3). In: Stainback S, Stainback W. Inclusão: um guia para educação. Tradução Magda Franca Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
7. Salvi S. A inclusão da pessoa com necessidades educativas especiais no contexto educacional. Instituto catarinense de Pós-Graduação. 2003. Disponível em: <http://www.icpg.com.br>.
8. Codo W. Por uma Psicologia do Trabalho: ensaios recolhidos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006 (Coleção Trabalho Humano/ Dirigida por Roberto Moraes Cruz).

9. Martinez MC. As Relações entre Satisfação com Aspectos Psicossociais no trabalho e a Saúde do Trabalhador. [Dissertação de Mestrado] São Paulo: USP. Departamento de Saúde Ambiental. Faculdade de Saúde Pública. 2002.
10. Henne D, Locke EA. Job dissatisfaction: what are the consequences? *International Journal of Psychology* 1985;20:221-40.
11. Rebouças D, Legay LF, Abelha L. Satisfação com o trabalho e impacto causado nos profissionais de serviço de saúde mental. *Revista de Saúde Pública* 2007;41(2). Acesso em 24 jan 2008. Disponível em: [http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttex&pid=S0034-10200700020001...](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0034-10200700020001...)
12. Macedo L. Fundamentos para uma Educação Inclusiva. 2001. Acesso em 14 jun 2005. Disponível em: [http://www.educacaoonline.pro.br/art\\_para-educacao-inclusiva.asp?f\\_id\\_a...](http://www.educacaoonline.pro.br/art_para-educacao-inclusiva.asp?f_id_a...)
13. Mantoan MTE. (org.). Pensando e Fazendo educação de Qualidade. São Paulo: Moderna, 2003.
14. Dejours C. Psicodinâmica do Trabalho: Contribuição da Escola Dejuriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho. (Tradução Maria Irene Stoco Betiol et al.) São Paulo: Atlas, 1994.
15. Oliveira CRB. Bem-estar dos docentes de uma Instituição privada de Ensino Superior. UFC; PEPS, 2001; 97p.
16. Paraguassu-Chaves CA. Geografia Médica ou da Saúde – Espaço e Doença na Amazônia Ocidental. Porto Velho: EDUFRO, 2001.
17. Souto DF. Saúde no Trabalho: Uma revolução em andamento. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.
18. Mendes R, Dias EC. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, (Série comemorativa do 25º aniversário da Revista de Saúde Pública) 1991;25(5):341-9.



19. Vasques-Menezes I. Por Onde Passa a Categoria Trabalho na prática Terapêutica? In: Codo W. (org.). O Trabalho Enlouquece?: Um Encontro entre a Clínica e o Trabalho. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
20. Yoshida LAM, Giglio JS. Prevenção Primária em Saúde Mental com Adolescentes Trabalhadores da Universidade Estadual de Campinas. In:
21. Freud S. Luto e melancolia. In Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1972. (Originalmente publicado em 1917).
22. Vieira LC, Guimarães LAM, Martins D. O Estresse Ocupacional em Enfermeiros. In: Guimarães LAM, Grubits S. (orgs.). Série Saúde Mental e Trabalho. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004;1:129-49.
23. Mari JJ. Guia de Psiquiatria. Barueri, SP: Manole, 2005 – Série guia de Medicina ambulatorial e hospitalar.
24. Dejours C. A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. (Traduzido por Ana Izabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira) 5.ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.
25. Oliveira NT. Somatização e sofrimento no Trabalho. Revista Virtual Textos & Contextos 2003;2.
26. Sanches IR. Professores da Educação Especial: da formação a prática educativa. 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora LTDA, 1998.
27. Fernández A. A Inteligência Aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médica, 1990.
28. Brasil, Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Resolução nº. 2 CNE/CEB, 2001.
29. Brasil, Secretaria de Educação Especial - SEESP. Programa Nacional de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental - Deficiência mental. Brasília; MEC, SEESP, 1998. [Série Atualidades Pedagógicas].

30. Ferreira ME, Guimarães M. Educação inclusiva. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
31. Codo W. Trabalho Enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
32. Lages AR. A inclusão do Portador de Necessidades Educativas Especiais e a Diversidade do Trabalho do Psicólogo. [Dissertação de Mestrado] Florianópolis: UFESC. Engenharia da Produção. 2001.
33. Camargo EAA. Concepções da Deficiência Mental por Pais e Profissionais e a Constituição da Subjetividade da Pessoa Deficiente. [Tese de Doutorado] Campinas: UNICAMP. Faculdade de Educação. 2000.
34. Sant'ana IM. Educação Inclusiva: Concepções de Professores e Diretores. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, 2005;10(2):227-34.
35. Batista AS, Codo W. Crise de Identidade e sofrimento. 4ª ed. Petrópolis. 2006.
36. Codo W. (coord). Educação: carinho e trabalho. 4.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes/Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006.
37. Jacques MGC. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. Revista Psicologia & Sociedade; Rio Grande do Sul, 2003;15(1):96-116.
38. Peixoto CN. Estratégias de Enfrentamento de Estressores Ocupacionais em Professores Universitários. [Dissertação de Mestrado] Florianópolis: UFESC. Psicologia. 2004.
39. Porto LA. Condições de Trabalho e Morbidade dos professores de Vitória da Conquista, Bahia. [Tese de Doutorado] Bahia: UFB. Medicina e Saúde. Faculdade de Medicina. 2006.

40. Delcor NS. Condições de Trabalho e Saúde dos Professores da Rede Particular de Ensino de Vitória da Conquista, Salvador: UFB, 2002;122p.
41. Lemos JC. Cargas Psíquicas no trabalho e Processo de Saúde em Professores Universitários. [Tese de Doutorado] Universidade de Santa Catarina. Curso de Engenharia de Produção. Centro Tecnológico. 2005. Acesso em 2 set 2006. Disponível em: <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/13382pdf>.
42. Mallar SC, Capitão CG. Burnout e Hardiness: um estudo de evidência de validade. Psico, USF, 2004;9(1).
43. Castro CAP. Sociologia Aplicada à Administração. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2007.
44. Herzberg F. Novamente: como se faz para motivar funcionários? In Bergamini CW, Coda R. Psicodinâmica da vida organizacional: Motivação e Liderança. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1997.
45. Chiavenato I. Introdução à Teoria Geral da Administração. 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill. 1983.
46. Maslow A. Motivation and Personality. New York: Harper & Row, 1970. Acesso em 24 out 2008. Disponível em: [http://professores.faccat.br/rinaldo/material/Maslow\\_e\\_a\\_Teoria\\_das\\_Necessidades\\_Humanas.doc](http://professores.faccat.br/rinaldo/material/Maslow_e_a_Teoria_das_Necessidades_Humanas.doc).
47. Couto HA. Qualidade e Excelência no Gerenciamento dos Serviço de Higiene, segurança e Medicina do Trabalho. Belo Horizonte: Ergo Editora, 1994.
48. Neves AL. Motivação para o Trabalho: dos conceitos às aplicações. 2ª ed. Lisboa: Editora RH. Ltda.
49. Steuer RS. Satisfação no trabalho, conflito e ambigüidade de papéis: estudo junto às enfermeiras de Maternidade Escola do Município de São

- Paulo. [Dissertação de Mestrado] São Paulo: USP. Faculdade de Saúde Pública. 1989.
- 50..Gonçalves ACJ Análise dos fatores que influenciam na satisfação no trabalho: um estudo de caso {Dissertação de mestrado} Pedro Leopoldo: Faculdade Integrada de Pedro Leopoldo. Mestrado de Administração. 2006.
51. Soriano JB, Winterstein PJ. Satisfação no Trabalho do Professor de Educação Física. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, 1998;12(2):145-59.
52. Maciel TRS. Fatores Interferentes na Satisfação dos trabalhadores de uma Unidade de Alimentação e Nutrição Hospitalar. [Dissertação de Mestrado] Santa Catarina: UFESC. Curso de Engenharia da Produção. 2002.
53. Rouquayrol MZ, Almeida Filho N. Epidemiologia & Saúde. 6. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2003.
54. Harding TW, Arango MV, Baltazar J, Climent CE,Ibrahim HHA, Ladrido-Ignacio L, et al. Mental disorders in primary health care: a study of the frequency and diagnosis in four developing countries.Psychol Med 1980;10:231-42.
55. Mari JJ, Williams P. A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of São Paulo. Br J Psychiatry 1986;148.
56. Iacoponi E, Mari JJ. Reliability and factor structure of the portuguese version of Self-Reporting Questionnaire. Int J Soc Psychiatry 1988;3:213-22.
57. Swan JA, Moraes LFR, Cooper CL. Developing the occupational stress indicator (OSI) for use in Brazil: a report on the reliability and validity of the translated OSI. Stress Med.1993;9:247-53.
58. Moraes LFR, et al. Resgate qualidade de vida no trabalho: uma imposição atual. Revista Tendência do Trabalho 1998.

59. Reis EJFB, Carvalho FM, et. al. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Cadernos de Saúde Pública 2005;21(5):1-12.
60. Pedro N, Peixoto F. Satisfação e auto – estima em professores dos 2º e 3º CICLOS DO Ensino Básico. Revista Análise psicológica, Lisboa, 2006;2(XXIV):247-62.
61. Gasparini MS, et al. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2006;22(12):2679-91.
62. Brasil, Lei de Diretriz e Base da Educação, Lei 9394 de dezembro de 2006.
63. Mendes FMP. Incidência de Burnout em professores universitários. UFSC; PEPS; 2002;165p.
64. Porto LA, et al. Associação Entre os Distúrbios Psíquicos e Aspectos Psicossociais do Trabalho de Professores. Revista Saúde Pública 2006;40(5):818-26.
65. Gomes L. Trabalho multifacetado de professores e professoras: a saúde entre limites. ENASP-RJ, 2002; 123p.
66. Carvalho RE. Removendo barreiras para a aprendizagem – Educação Inclusiva. Porto Alegre, RS: Mediação, 2000.
67. Araújo TM, et al. Estresse ocupacional e saúde: contribuições do Modelo Demanda-Controle. Ciência & Saúde Coletiva 2003;8(4):991-1003.
68. Borges CH. Transtornos Mentais Menores entre Trabalhadores de uma Usina Siderúrgica. [Dissertação de Mestrado] São Paulo: USP. Curso de Medicina Preventiva. Faculdade de Medicina. 1990.
69. Guimarães LAM, Grubits S. (orgs.). Série Saúde Mental e Trabalho. Vol. II. São Paulo. Casa do Psicólogo. 2004.

70. Oliveira NM, et al. Condições de trabalho, saúde e sofrimento psíquico em professores da Rede Pública de Ensino em Uberlândia-MG. Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia – MG; 2007.
71. Vasques-Menezes I, Grazzotti AA. Suporte afetivo e o sofrimento psíquico em burnout. Wanderley (org.). Educação carinho e trabalho. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006;cap.XV:261-6.
72. Naujorks MI, Barasuol EB. Burnout docente no trabalho com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Revista do Centro de Educação 2004;24.
73. Martins JT, et al. Satisfação e insatisfação entre auxiliares e técnicos de enfermagem de uma unidade de internação feminina de um Hospital escola. Revista Ciência e Enfermagem 2007;13(1).
74. Soratto L, Oliveira-Hecker Os trabalhadores e seu trabalho. In: Codo W. (coord.) Educação: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes.
75. Maciel SEV, Diniz de Sá MA. Motivação no trabalho: uma aplicação dos modelos dos seis fatores de Herzberg. Studia Diversa, CCAE, 2007;1(1):62-86.
76. Odellius CC, Codo W. (org.). Espelho perverso – salário. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2006;cap.XI:193-203.
77. Neto MTR, Marques ALA. Satisfação dos profissionais de Informática com fatores motivacionais. Revista de Negócios 2003;8(4):1-16.

## ANEXOS

### ANEXO A

I - Levantamento do perfil dos professores atuantes na escola inclusiva, aqui entendida como escola de ensino regular que atende alunos com Necessidades Educacionais Especiais ( NEE), nas turmas do sistema regular de ensino.

1 - Escola. \_\_\_\_\_

2 - Sexo:  Masculino  Feminino.

3 - Idade:  20 a 29 anos.  30 a 39 anos.  40 a 49 anos.  50 a 59 anos.  
 mais de 59 anos.

4 - Anos de atuação no magistério

Menos de 1 ano.  1 até 3 anos.  4 até 6 anos.  7 até 10 anos.  
 11 até 15 anos.  16 até 20 anos.  mais de 20 anos.

5 - Nível de escolaridade

Ensino médio Completo  Magistério  Nível superior completo  
 Nível superior incompleto  Pós-graduação.

6 - Curso de graduação

Pedagogia  Letras  Geografia  História  Matemática  
 Outros.

7 - Tempo de atuação com a educação especial

Menos de 1 ano.  1 até 3 anos.  4 até 6 anos.  7 até 10 anos.  
 11 até 15 anos.  16 até 20 anos.  mais de 20 anos.

8 - Carga horária semanal de atuação em sala de aula

menos de 20 horas  20 horas.  40 horas.  60 horas.

9 - Além das horas de trabalho na escola, você dedica horas de trabalho em outras atividades, em casa, na correção e preparação de atividades para o exercício da docência, etc. Semanalmente isto corresponde a:

nenhuma.  1 a 05 horas.  6 a 10 horas.  11 a 15 horas.  
 16 a 20 horas.  21 a 25 horas.  26 a 30 horas.  mais de 30 horas.

## II - Capacitação ou especialização?

1 - Você recebeu algum treinamento específico para receber o aluno N.E.E. em sua sala de aula?

Sim  Não.

2 - Caso a resposta da questão anterior seja afirmativa, especifique a carga horária do curso.

menos de 20 horas.  de 21 a 40 horas.  41 a 60 horas.  
 61 a 80 horas.  mais de 80 horas.

3 - Esses treinamentos foram suficientes para embasar sua prática com os alunos N.E.E.?

Sim  Não.

4 - Você possui especialização em educação especial (pós-graduação)?

Sim  Não.

Caso a resposta seja afirmativa, especifique o nível da pós-graduação realizada.

Lato sensu.  Strito sensu.

## III - Levantamento das concepções dos professores sobre a inclusão escolar dos alunos com N.E.E.

1 - Você se sente preparado para lecionar com alunos com N.E.E., incluso em sua sala de aula?

Sim  Não  Às vezes.

2 - Você acredita na inclusão educacional do aluno com N.E.E.?

Sim  Não  Às vezes.

3 - Acha que os alunos com N.E.E., deveriam ser atendidos por escolas especializadas?

Sim  Não  Às vezes.

4 - Você acredita que os alunos com N.N.E. são capazes de aprender?

Sim  Não  Às vezes.

5 - Você acredita que a inclusão dos alunos, não considerados N.E.E, prejudica o nível de desempenho dos demais alunos ?



Sim  Não  Às vezes.

6 - Acredita que o aluno com N.E.E. é capaz de progredir pedagogicamente com a inclusão?

Sim  Não  Às vezes.

7 - Você trabalha com a adaptação curricular?

Sim  Não  Às vezes.

**ANEXO B**TESTE 3: SRQ 20 - *Self Report Questionnaire*

Teste que avalia o sofrimento mental.

Por favor, leia estas instruções antes de preencher as questões abaixo. É muito importante que todos preencham o questionário e sigam as mesmas instruções.

## Instruções

Estas questões são relacionadas a certas dores e problemas que podem ter lhe incomodado nos últimos 30 dias. Se você acha que a questão se aplica a você e você teve o problema descrito nos últimos 30 dias responda SIM.

Por outro lado, se a questão não se aplica a você e você não teve o problema nos últimos 30 dias, responda NÃO.

## PERGUNTAS RESPOSTAS

1 - Você tem dores de cabeça freqüente?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

2 - Tem falta de apetite?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

3 - Dorme mal?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

4 - Assusta-se com facilidade?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

5 - Tem tremores nas mãos?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

6 - Sente-se nervoso (a), tenso (a) ou preocupado (a)?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

7 - Tem má digestão?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

8 - Tem dificuldades de pensar com clareza?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

9 - Tem se sentido triste?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

10 - Tem chorado mais do que costume?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

11 - Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

12 - Tem dificuldades para tomar decisões?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

13 - Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, causa-lhe sofrimento?).

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

14 - É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

15 - Tem perdido o interesse pelas coisas?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

16 - Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

17 - Tem tido idéia de acabar com a vida?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

18 - Sente-se cansado (a) o tempo todo?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

19 - Você se cansa com facilidade?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

20 - Tem sensações desagradáveis no estômago?

SIM (\_\_\_) NÃO (\_\_\_)

Se o resultado for = ou > 7 (maior ou igual a sete respostas SIM) está comprovado sofrimento mental.

## ANEXO C

Escala de Satisfação no Trabalho do OSI – *Occupational Stress Indicador*.

Instrumento elaborado por Cooper (Robertson et al. 1990), traduzido e validado para o português por Swan, Moraes e Cooper (Swan et al. 1990).

Esta parte do questionário fornecerá os dados que possibilitarão caracterizar a satisfação de uma forma geral e a satisfação com aspectos específicos do trabalho.

Por favor, dê sua opinião honesta, e responda a todas as questões. Em cada uma das próximas questões assinale a alternativa que mais se aproxima do seu sentimento em relação aos aspectos do trabalho em questão. Responda fazendo um círculo em torno do nº. de cada questão, de acordo com a seguinte escala:

6 – enorme satisfação

5 – muitas satisfações

4 – algumas satisfações

3 – algumas insatisfações

2 – muitas insatisfações

1 – enorme insatisfações

Como você se sente com relação ao seu trabalho?

	6	5	4	3	2	1
1. Comunicação e forma de fluxo de informação na empresa em que você trabalha.						
2. Seu relacionamento com outras pessoas na empresa em que trabalha.						
3. O sentimento que você tem a respeito de como seus esforços são avaliados.						
4. O conteúdo do trabalho que faz.						
5. O grau em que você sente motivado por seu trabalho.						

6. Oportunidades pessoais em sua carreira atual.						
7. O grau de segurança no seu emprego atual.						
8. A extensão em que você se identifica com a imagem externa ou realização de sua empresa.						
9. O estilo de supervisão que seus superiores usam.						
10. A forma pela quais mudanças e inovações são implementadas.						
11. O tipo de tarefa e o trabalho em que você é cobrado.						
12. O grau em que você sente que pode crescer e se desenvolver em seu trabalho.						
13. A forma pelas quais os conflitos são resolvidos.						
14. As oportunidades que seu trabalho lhe oferece no sentido de você atingir suas aspirações e ambições.						
15. O seu grau de participação em decisões importantes.						
16. O grau em que a organização absorve as potencialidades que você julga ter.						
17. O grau de flexibilidade e de liberdade que você julga ter em seu trabalho.						
18. O clima psicológico que predomina na empresa que você trabalha.						
19. Seu salário em relação à sua experiência e a responsabilidade que tem.						
20. A estrutura organizacional da empresa que você trabalha.						
21. O volume de trabalho que você tem para resolver.						
22. O grau em que você julga estar desenvolvendo suas potencialidades na empresa em que trabalha.						

**ANEXO D****PROCEDIMENTO REALIZADO PARA AUTORIZAÇÃO DO CONSELHO DE ÉTICA  
CONFORME PARECER 196/1996/CNS/MS.****Carta de autorização da pesquisa.**

Porto Velho, 26 de outubro de 2007.

Excelentíssimo Senhor secretário de Estado da Educação.

Solicito a Vossa Senhoria à permissão para execução da referida pesquisa que será realizada em Porto Velho nas escolas inclusivas (escolas que atendem em suas classes de ensino regular alunos portadores de necessidades educacionais especiais) Estaduais de Ensino Fundamental de Porto Velho. A participação dos professores não é obrigatória, e a qualquer momento poderão parar de participar e se retirarem da pesquisa.

São os objetivos deste estudo.

Objetivo geral.

Verificar o sofrimento mental dos professores das escolas inclusivas e sua possível correlação com a satisfação no trabalho.

Objetivos específicos.

- Realizar levantamento do perfil sócio-demográfico dos professores que trabalham nas escolas inclusivas.
- Verificar o nível de satisfação dos professores com atuação docente identificando a sua correlação com o sofrimento mental.

A participação dos professores nesta pesquisa constituirá nas respostas de questionários, sendo que, a primeira etapa destina-se ao levantamento do perfil sócio-

demográfico dos professores, na segunda etapa, será a aplicação da Escala de satisfação no Trabalho do *OSI-ocupational Estresse Indicator*, para avaliar o nível de satisfação no trabalho. Na terceira etapa será realizada a avaliação da saúde mental dos professores através de um instrumento de detecção de distúrbios psíquicos menores não psicóticos, o “*Self- Report - Questionnaire*” (SRQ-20).

A participação dos professores na pesquisa, não apresentará nenhum comprometimento a suas carreiras e imagens pessoais considerando que será mantida, por mim pesquisadora, o sigilo sobre a identidade dos participantes.

Os benefícios que se espera desta pesquisa, através da verificação do nível de satisfação dos professores com atuação docente e identificação da sua associação com prevalência de distúrbios psíquicos menores, será a oferta de sugestões às políticas educacionais que possam minimizar os conflitos apontados na pesquisa.

Após realização da pesquisa, antes de sua finalização, será lido o relatório e discutido com os professores e entregue uma cópia a Vossa Excelência para que seja autorizada a transcrição da dissertação de Mestrado em Ciência da Saúde pela Universidade Nacional de Brasília.

Os professores receberão uma cópia deste termo, onde consta o telefone, o endereço do pesquisador (meu), podendo retirar sua participação, agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi o objetivo da pesquisa, e autorizo sua realização.

---

Nome e assinatura do pesquisador.

Elza Maria de F. Jacarandá.

Endereço: Rua Elias Gorayeb, nº. 3423, bairro Liberdade-Porto velho/RO CEP 78904-110.

---

Nome e assinatura do secretário

**ANEXO E****Termo de consentimento livre e esclarecido**

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que foram lidas para mim, descrevendo o estudo Eu discuti com a Professora Elza Maria de Freitas Jacarandá, residente a Rua Elias Gorayeb, nº. 3423, Bairro Liberdade, Porto Velho/RO, telefone 3223 34-10 ou 9982 6599, sobre a minha decisão em autorizar a participação dos professores nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos da pesquisa que serão efetivados através de questionários que os professores devem responder para atender o objetivo geral da pesquisa , **Sofrimento mental e satisfação no trabalho: um estudo com professores das escolas inclusivas estaduais de ensino fundamental em Porto Velho.** ficando claro que a pesquisa que irão participar não apresentará nenhum risco para a profissão dos docentes, sendo que, será mantido absoluto sigilo sobre suas identidades não oferecendo nenhum risco a sua saúde, nem, desconforto, sendo garantido a confidencialidade e de esclarecimento permanente. Ficou claro também que a participação dos profissionais será isentas de despesas.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sendo que, poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o procedimento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

Porto Velho, 18 de fevereiro de 2008 .

---

Assinatura do pesquisador.

Assinatura do professor.